



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANA PAULA GONÇALVES DA SILVA**

**SEXO FORTE: trajetórias de mulheres pobres no mercado de trabalho em  
Picos (PI) nas décadas de 1970 e 1980**

**PICOS-PI**

**2013**

ANA PAULA GONÇALVES DA SILVA

**SEXO FORTE: trajetórias de mulheres pobres no mercado de trabalho em  
Picos (PI) nas décadas de 1970 e 1980**

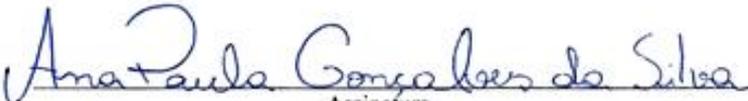
Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em História, do  
Campus Senador Helvídio Nunes de  
Barros, da Universidade Federal do Piauí.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Olívia Candeia  
Lima Rocha.

PICOS-PI

2013

Eu, **Ana Paula Gonçalves da Silva**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 19 de setembro de 2013.

  
Assinatura

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S586s** Silva, Ana Paula Gonçalves da.  
Sexo forte: trajetória de mulheres pobres no mercado de trabalho em Picos-Piauí nas décadas de 1970 e 1980 / Ana Paula Gonçalves da Silva. – 2013.  
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (71p.)  
  
Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.  
Orientador(A): Profa. Msc. Olívia Candeia Lima Rocha  
  
1. Mercado de Trabalho. 2. Mulheres Trabalhadoras. 3. Mulheres Pobres. I. Título.

**CDD 305.409**

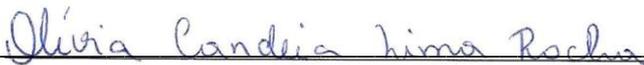
ANA PAULA GONÇALVES DA SILVA

**SEXO FORTE: trajetórias de mulheres pobres no mercado de trabalho em  
Picos (PI) nas décadas de 1970 e 1980**

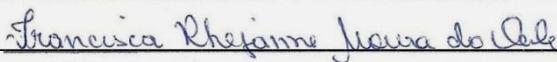
Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em História, do  
Campus Senador Helvídio Nunes de  
Barros, da Universidade Federal do Piauí.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Olívia Candeia  
Lima Rocha.

Aprovada em 18 / 09 / 2013

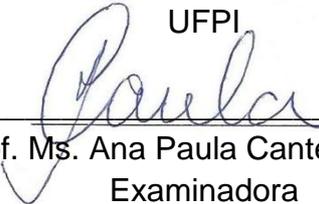
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Ms. Olívia Candeia Lima Rocha  
Orientadora  
UFPI



Prof. Esp. Francisca Rhejanne Moura do Vale  
Examinadora  
UFPI



Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro  
Examinadora  
UFPI

*Ao meu pai José Antônio (in memorian), à  
minha mãe Maria dos Remédios, ao meu  
esposo Denildo e à minha linda filha Ana  
Larissa.*

## AGRADECIMENTOS

Finalizando esse trabalho tão importante não poderia deixar de agradecer às pessoas que acreditaram em mim e que de alguma forma contribuíram para a realização do mesmo.

À Deus por me dar os pais mais maravilhosos deste mundo. Aos meus pais, José Antônio da Silva (*in memorian*) e Maria dos Remédios Gonçalves pelos inúmeros esforços que fizeram para me darem um estudo de qualidade, às vezes passando situações econômicas difíceis para nunca atrasarem a mensalidade da escola.

Ao meu esposo Denildo de Araújo Luz, pela força, compreensão, atitudes e palavras de carinho que nunca me deixaram fraquejar e seguir à frente com os meus estudos.

À minha linda filha, Ana Larissa, que toda vez que me olha, eu sinto uma vontade enorme de vencer e de dar o melhor pra ela.

Aos meus sogros Raimundo Nonato e Maria das Neves, por me acolherem e me fazer sentir parte da família. Aos meus cunhados Willame, Valmir (*in memorian*), Leila e Laíse por se fazerem sempre presentes. À minha sobrinha Layla Eduarda pelo carinho e amor. À minha família, que mesmo ausente, sempre me apoiaram com palavras sinceras de incentivo.

A todos meus professores, pelos conhecimentos passados, especialmente à minha orientadora Olívia Candeia Lima Rocha, pela paciência, compreensão e incentivo.

A todos meus amigos de classe pelo companheirismo, principalmente Elieny Veloso e Marciane Mauriz pelas conversas, pelos momentos de alegria e de tensão na hora dos seminários e provas, enfim, obrigado por tudo.

Às minhas entrevistadas, por me darem a alegria e o prazer de conhecer suas trajetórias de vida, enriquecendo e abrilhantando essa pesquisa. Muito obrigada!!

## COM LICENÇA POÉTICA

Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.

Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.

Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.

Não sou tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.

Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.

Inauguro linhagens, fundo reinos

– dor não é amargura.

Minha tristeza não tem pedigree,

já minha vontade de alegria,

sua raiz vai ao meu mil avô.

Vai ser coxo na vida é maldição pra  
homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.

Adélia Prado

## RESUMO

Apresenta-se um estudo sobre a inserção das trabalhadoras pobres picoenses no mercado de trabalho, nas décadas de 1970 e 1980. A forma dessas trabalhadoras se inserirem no mercado de trabalho, bem como, as possibilidades de remuneração oferecidas e suas trajetórias de vida são o foco desse estudo. O objetivo geral da pesquisa é focar essas mulheres singulares que possuem múltiplas funções como mãe, esposa, trabalhadora e dona de casa e mostrar a realidade de cada uma, seu cotidiano no trabalho, bem como as dificuldades que enfrentavam. A trajetória de vida dessas mulheres é muito significativa, na medida, que ajuda a construir um perfil das mulheres picoenses que precisavam trabalhar para manterem seus filhos e a casa. Esse trabalho tem como proposta desmistificar certos conceitos produzidos sobre as mulheres, pois irá mostrar que elas são mais que o sexo forte e que não temem nenhum tipo de trabalho, por mais árduo que possa ser.

**Palavras-chave:** Mercado de Trabalho. Mulheres Trabalhadoras. Mulheres Pobres.

## **ABSTRACT**

It presents a study on the inclusion of poor people from Pico workers in the labor market, in the 1970s and 1980s. The shape of these workers fall within the labor market, as well as the possibilities of compensation offered and their life histories are the focus of this study. The objective of the research is to focus on these unique women who have multiple roles as mother, wife, worker and homemaker and show the reality of each, in their daily work as well as the difficulties they faced. The life story of these women is very significant, as that helps to build a profile of people from Pico women who had to work to keep their children and home. This paper aims to demystify certain concepts produced on women, because it will show that they are more than the stronger sex, and who do not fear any kind of work, however hard it may be.

**Keywords:** Labor Market. Working Women. Poor women.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| <b>Ilustração 1:</b> Vista de uma vazante do Rio Guaribas ..... | 25 |
| <b>Ilustração 2:</b> Feira de Picos na década de 1950.....      | 27 |
| <b>Ilustração 3:</b> Feira de Picos na década de 1960.....      | 28 |
| <b>Ilustração 4:</b> Loja A Pernambucana.....                   | 29 |
| <b>Ilustração 5:</b> Construção de Barragem .....               | 30 |
| <b>Ilustração 6:</b> Casas doadas pelas Emergências .....       | 31 |
| <b>Ilustração 7:</b> Vista aérea da Indústria Coelho S/A .....  | 33 |
| <b>Ilustração 8:</b> Dona Calu .....                            | 34 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 11 |
| <b>1 O MERCADO DE TRABALHO EM PICOS NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980</b> .....                               | 19 |
| 1.1 Os espaços de trabalho na cidade de Picos .....  | 24 |
| 1.2 Trabalho feminino: aspectos sociais-econômicos e família.....                                      | 35 |
| <b>2 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DAS TRABALHADORAS POBRES EM PICOS<br/>NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980</b> ..... | 39 |
| 2.1 A entrada no mercado de trabalho .....   | 39 |
| 2.2 A dinâmica desses espaços de trabalho, suas dificuldades e as lembranças de<br>saúde .....         | 43 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 55 |
| <b>FONTES E REFERÊNCIAS</b> .....  | 57 |
| <b>APÊNDICE</b> .....  | 60 |
| <b>APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....   | 61 |
| <b>APÊNDICE B – INFORMAÇÕES DOS ENTREVISTADOS</b> .....  | 62 |
| <b>ANEXOS</b> .....  | 64 |
| <b>ANEXO I- Depósito de gêneros alimentícios</b> .....   | 65 |
| <b>ANEXO II- Construção de Açudes</b> .....  | 66 |
| <b>ANEXO III- Açudes construídos em 1970 e 1980</b> .....  | 67 |
| <b>ANEXO IV- Folha de pagamento do Açude Jardim (1983)</b> .....                                       | 68 |
| <b>ANEXO V- Barreiro de Fafá de Belém</b> .....  | 69 |
| <b>ANEXO VI- Declaração de vínculo com o 3º BEC</b> .....  | 70 |

## INTRODUÇÃO

As mulheres sempre trabalharam. Historicamente, e mais especificamente ainda no século XIX e no início do século XX, no Piauí, este trabalho era voltado para o ambiente doméstico. Era no espaço da casa que ela produzia grande parte do que era consumido pela família. Seu trabalho englobava a fabricação de roupas, sabão, velas, doces, geleias, manteiga e toda uma série de artigos que seriam utilizados na subsistência da família. Além disso, cabia à mulher gerenciar a casa, educar os filhos e cuidar dos doentes.<sup>1</sup>

A partir da década de 1950, cresceu a participação feminina no mercado de trabalho, principalmente no setor de consumo coletivo, em escritórios, no comércio ou em serviços públicos. Para as mulheres pobres, os novos espaços estavam principalmente nas fábricas de cigarros, de tecidos, de chapéus, de chocolates e de redes. Às mulheres de estratos médios, o magistério e a enfermagem surgiam como boas opções de trabalho remunerado. De qualquer forma, essas profissões remuneradas exigiam certa qualificação, maior escolaridade feminina, provocando mudanças no status social das mulheres. A inserção das mulheres no ambiente público foi alvo de várias críticas:

A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho.<sup>2</sup>

No início dos anos 1960, um discurso normatizador tentava reforçar os papéis de gênero tradicionais da mulher:

Na Europa, nos Estados Unidos e propalados, inclusive, por psicólogos e cientistas sociais buscavam naturalizar os lugares de gênero, reafirmando que o destino natural das mulheres seria o casamento, a maternidade e o lar.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. Teresina: Edições Bagaço, 2005, p.97.

<sup>2</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.63.

<sup>3</sup> ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.93-111.

Essas ideias não demoraram a chegar ao Brasil e marcaram o cenário dos anos 1950 e início dos anos 1960. A divulgação da ideologia da rainha do lar aparece em diversas escritas, que tentavam condicionar os comportamentos femininos, apontando que as mulheres teriam que ser mais femininas, além de continuarem cuidando da casa, das crianças e do marido, criarem um lar saudável, afetivo e agradável, serem amorosas e saberem investirem na relação conjugal:

Princípios para ser uma boa esposa:

- 1) Ver no marido um 'senhor e dono'.
- 2) Mostrar-se sempre arrumadinha, bonita e contente, quando ele voltar do emprego, isso depois de estar em ordem com os afazeres da casa.
- 3) Apresentar pratos saudáveis, nutritivos e apetitosos.
- 4) Nunca aparecer inquisitorial ou desconfiada. Escutar, atenta e interessada, as suas contrariedades nos negócios e ser diplomata em matéria de conselhos.
- 5) Jamais lhe telefonar para o trabalho a qualquer pretexto, a não ser em caso de vida ou de morte.
- 6) Cuidar de seus ternos, roupa branca, etc. Cerzir-lhe as meias e fazer com que nunca lhe falte uma camisa limpa.
- 7) Redobrar de cuidado para não ser considerada uma esposa doentia ou sofredora.
- 8) Não lhe suplicar solidariedade, carinho, estímulo, apoio moral ou louvores e, sim, manter-se sempre firme, cõnsncia do seu valor.
- 9) Ser sábia e cautelosa em todas as despesas do lar e nos gastos pessoais.
- 10) Se desconfiar que ele anda interessado em outras mulheres, mostrar bom senso e conter-se.
- 11) Distraí-lo à noite e nos fins de semana, fazendo o que ele gosta de fazer, quando está disposto.
- 12) Ser sempre paciente e afável, calar-se quando ele reclamar por algo errado de sua parte.<sup>4</sup>

Diante desses doze mandamentos para ser uma boa esposa, podemos perceber que em boa parte dos meios de propagação de notícias sejam revistas, jornais ou mesmo nos discursos sociais, direcionavam a mulher para a maternidade, casamento e zelo para com o marido, sendo que acima de tudo, teria que prevalecer a felicidade do casal, que só dependia da mulher. Mulher essa que possuía status social, portanto, esses mandamentos não cabiam à mulher pobre que trabalhava fora de casa.

As mulheres que investiam no estudo e no trabalho iam deixando os homens receosos, e os discursos que os próprios veiculavam nos jornais buscavam

---

<sup>4</sup> *O Dia*, Teresina. 18 ago 1965, p. 9 apud CARDOSO, Elisângela Barbosa. *Múltiplas e Singulares*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003, p. 192-193.

encaminhar as mulheres para o espaço privado da vida doméstica. Em 1969, escrevia um cronista do jornal *O Dia*:

Por que as mulheres se empenham em trabalhar? Por que não ficam em casa? Esta é uma das perguntas mais comuns das polêmicas que têm como tema central a invasão das mulheres no setor de trabalho. A mulher parece possuir dotes que a colocam num plano superior ao homem no momento dos concursos, quando se trata de aprender rápido, estudar e expor. Esta situação estabelece uma concorrência desleal da mulher em relação ao homem. Se as correntes feministas avançam, o homem deverá necessariamente se preocupar com sua própria situação.<sup>5</sup>

Os questionamentos dessa citação induzem as mulheres a permanecerem no espaço doméstico, à medida que assegura aos homens o domínio do espaço público, para, dessa forma, neutralizar a concorrência feminina no mercado de trabalho.

Os diferentes discursos sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho me despertou uma enorme curiosidade, culminando este despertar de forma mais intensa no 5º bloco do curso de Licenciatura Plena em História, quando participei de um seminário na disciplina de República I, ministrado pela profª Marilu Oliveira, por meio do qual tomei conhecimento de um texto cujo título era “Do cabaré ao lar”, de autoria de Margareth Rago<sup>6</sup>. A partir deste momento, surgiu um grande interesse pelo tema, em função da forma como a autora relatava a figura da mulher em todas as suas esferas, especialmente quando se referia à mulher operária, analisando seu ambiente de trabalho, a maneira pela qual essas mulheres eram vistas pela sociedade e as dificuldades enfrentadas.

Diante desse interesse pelos temas mulher e trabalho, decidi que o meu trabalho de conclusão de curso versaria sobre a seguinte temática: “A INSERÇÃO DA MULHER PICOENSE NO MERCADO DE TRABALHO”. Que, posteriormente, com o desenvolvimento da pesquisa, o trabalho mudaria para uma proposta mais próxima a percepção do trabalho, como um elemento fundamental a condição de vida destas mulheres. Nesse sentido, da proposta inicial houve uma transformação para: História, memória e trajetória de vida das mulheres trabalhadores pobres de Picos.

<sup>5</sup> O DIA, Teresina, dez 1969, p.7 apud CARDOSO, Elisângela Barbosa. *Múltiplas e Singulares*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003, p 188.

<sup>6</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Diante do tema escolhido, faltava apenas decidir o recorte temporal, que foi definido pelas fontes encontradas. Nas décadas de 1970 e 1980, em Picos, chegou o 3º BEC- Batalhão de Engenharia Civil e Construção e a Indústria Têxtil. O 3º BEC promovia a construção de açudes e barragens, devido à seca que assolava a região. O interessante dessas construções de açudes e barragens é que muitas foram feitas com a participação de mulheres, um trabalho tido como pesado que exigia a força masculina, estava sendo realizado por mulheres que eram vistas como o sexo frágil.

Outra fonte encontrada que também definiu o recorte temporal foi a chegada da Indústria Têxtil na região de Picos. Essa indústria ofereceu muitas oportunidades de trabalho tanto para homens como para mulheres da região. A revista *Foco*, que circulava pela cidade trazia biografias de mulheres que tiveram um destaque pela sua profissão. Então, por isso, foram escolhidas as décadas de 1970 e 1980, justificando o recorte temporal deste trabalho.

Nesse sentido, podemos apontar o objetivo deste trabalho, que é analisar a história e a memória de mulheres pobres trabalhadoras nas décadas de 1970 e 1980, no sentido de perceber as sutis mudanças na condição feminina, a sua atuação fora do espaço doméstico e a relação desta inserção mercadológica com os padrões antigos que eram atribuídos às mulheres.

Considero este trabalho como um elemento importante, pois através dele, análises sobre a sociedade picoense foram feitas, além do mais é uma contribuição na construção da história das mulheres em Picos/PI, ressaltando a importância de poder avaliar como a mulher picoense estava inserida no mercado de trabalho atualmente.

O museu de Picos estava fechado para reformas, no entanto, tive acesso de algumas fontes, graças a Gracivalda Albano, amiga de classe e sobrinha do responsável pelo museu. Ela telefonou para o seu tio pedindo que disponibilizasse os documentos da época de 1970 e 1980.

Entre esses não foram encontradas muitas fontes documentadas a cerca do tema. Os jornais que tivemos acesso como: *A Flâmula* e *Macambira* não retratavam muito sobre a temática, ou algo parecido. Porém, a revista *Foco*<sup>7</sup> que circulou em Picos a partir do ano de 2000, continha biografias de mulheres profissionais que se destacaram como: Alexandrina Cardoso de Alencar, Dona Calu, que confeccionava

---

<sup>7</sup> *Foco*: revista semanal de cultura, política, arte. Picos: nº3, 2000. p 6.

bonecas em tabatinga e em gesso, de diversas formas e tamanhos. Maria do Carmo, uma educadora e a 1ª mulher picoense que participou de um encontro feminista em Belo Horizonte (1985).

Além dessas biografias, existem cinco picoenses, cujos depoimentos, são importantíssimos para a construção desse trabalho, pois elas vão lembrar suas conquistas no campo do trabalho, relatando como era a sociedade picoense nas décadas de 1970 e 1980, as dificuldades encontradas para desempenharem suas profissões e quais eram os discursos de resistência e os de aceitação à mulher, enquanto trabalhadora. A primeira delas é Conceição de Moura Santos, que foi balconista da loja Pernambucanas de tecidos. A segunda é Helena de Araújo Sousa, que trabalhava como costureira. A terceira é Adeídes Barbosa da Silva que trabalha atualmente como serviços prestados na Universidade Federal do Piauí e que na década de 1980, trabalhou nas frentes de mulheres contratadas pelo 3º BEC, nas construções de açudes e barragens. A quarta é Teresinha de Jesus Lima que trabalhou na Indústria Coelho como operadora de máquina. A quinta é Maria de Araújo Pereira que trabalhou muitos anos na feira em uma barraquinha de comida.

Como este trabalho trata sobre um processo recente da história picoense e muitos dos sujeitos históricos estão vivos e dispostos a falar, utilizaremos a História Oral, no sentido de apreender através destes a memória das mulheres e suas reminiscências sobre a condição feminina e o espaço do trabalho. A História Oral é um caminho a ser percorrido até se chegar à produção do conhecimento histórico, produção de fontes e documentos, através da realização de entrevistas e depoimentos de pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos da vida privada e coletiva.

A História Oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizado. Não obstante, a História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às

peçoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.<sup>8</sup>

A oralidade tem como principal fonte a memória, e é bastante comum que o entrevistado recorra a objetos, documentos, perfumes entre outras coisas para reativar suas memórias, ou seja, é comum que se recorra a busca por materiais que deixarão suas memórias mais claras. A partir do momento em que essas memórias são registradas em documentos de vozes ou textos, estas passarão a serem arquivadas como registros daquela determinada época. Segundo Le Goff :

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.<sup>9</sup>

A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. Conforme afirma Thompson:

Ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevista, que desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade.<sup>10</sup>

Além das entrevistas, outras fontes serão utilizadas como as fotografias, algumas encontradas no livro de memórias de Renato Duarte, outras no arquivo do 3º BEC e também no Museu Ozildo Albano. A fotografia é fundamental na História das técnicas de reprodução de imagem. Ela se situa no princípio básico de registro da imagem em movimento. Consoante Kossoy:

Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. UNICAMP. 5ed. 2003, p.419-471.

<sup>10</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 254.

<sup>11</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1939, p. 33.

Sobre a História das Mulheres no Brasil e na produção historiográfica de gênero destacam-se três nomes para a produção deste trabalho: Margareth Rago, Joan Scott e Michele Perrot. De acordo com Michele Perrot<sup>12</sup>: A história das mulheres mudou. Em seus objetos, sem seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para se tornar uma história do gênero que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas e culturais.

O conceito de gênero surgiu entre as feministas norte-americanas a partir da década de 1970 para enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. Como um campo heterogêneo, gênero é uma relação contínua entre homens e mulheres. De acordo com Joan Scott, homens e mulheres estão em termos recíprocos, em caráter relacional e não são termos fixos e o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, tendo no gênero um primeiro modo de dar significado às relações de poder.<sup>13</sup>

Dois conceitos que serão importantes para a produção desta monografia são os conceitos de trabalho e pobreza. Hannah Arent<sup>14</sup> vê o trabalho como algo positivo. O trabalho se faz como uma eterna necessidade imposta pela natureza, e a mais humana e produtiva das atividades do homem. De todas as atividades humanas, somente o trabalho é interminável, prosseguindo automaticamente em consonância com a vida, sendo feito com o propósito de prover o sustento de quem o pratica. Para Michel Mollat, a definição do pobre e de seu estado deve, portanto, ser ampla:

O pobre é aquele que, de modo permanente ou temporário, encontra-se em situação de debilidade, dependência e humilhação, caracterizada pela privação dos meios, variáveis segundo as épocas e as sociedades, que garantem força e consideração social. Tal definição pode incluir todos os frustrados, todos os enjeitados, todos os marginais, e tampouco exclui aqueles que, por ascéticos ou

---

<sup>12</sup> PERROT Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

<sup>13</sup> SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*; Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife.

<sup>14</sup> ARENT, Hannah: *A condição humana*. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

místico, decidiram afastar-se do mundo ou que, por devotamento, optaram por viver pobres entre os pobres.<sup>15</sup>

A crescente participação feminina no mercado de trabalho é fato notável no Brasil e mais notável ainda é a crescente participação da mulher pobre, pois são mulheres que possuem níveis menores de escolaridade e qualificação. Portanto, a contribuição financeira que elas vêm trazendo para casa, garante melhor sua sobrevivência melhorando sua condição de vida.<sup>16</sup>

Estas linhas que se apresentarão pretendem mostrar as relações de trabalho em Picos, enfatizando, sobretudo, nas décadas de 1970 e 1980, as oportunidades oferecidas às mulheres pobres, os discursos de aceitação e de recusa, que culminaram na sociedade diversificada que vemos hoje, onde as mulheres ocupam os mais variados campos sociais e as mais variadas formas de trabalho.

Essa pesquisa está dividida em dois capítulos. No primeiro serão analisados os espaços de trabalho que existiam na região de Picos, os aspectos sociais e econômicos da sociedade picoense. O segundo capítulo tratará da dinâmica desses espaços de trabalhos, seu dia-a-dia, as dificuldades que as trabalhadoras enfrentavam e as suas lembranças de saudade.

---

<sup>15</sup> MOLLAT, Michel. *Os pobres na Idade Média*. São Paulo. 1989. p. 5.

<sup>16</sup> SOARES, Vera. O feminismo e o machismo na percepção das mulheres brasileiras. IN: VENTUFI, Gustavo. RECAMÁN, Marisol. OLIVEIRA, Suely. *A mulher brasileira nos espaços público e privado..* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

## 1 O MERCADO DE TRABALHO EM PICOS NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980

Nesse capítulo, serão abordadas as questões socioeconômicas do Piauí, bem como ocorreu a organização do Estado, para poder entender a situação da cidade de Picos nas décadas estudadas. Também apresentaremos as entrevistadas, identificando quais eram as principais atividades das mulheres pobres em Picos. Será relatado como o trabalho feminino era visto pela sociedade picoense e como essas trabalhadoras conciliavam as funções de mãe- esposa- dona de casa com o trabalho extradoméstico.

Nas últimas décadas a mulher tem convivido com um processo de profundas transformações no comportamento, especialmente no que se refere aos papéis sociais que exerce. A entrada da mulher no mercado de trabalho faz emergir uma mulher ativa, que precisa de um corte de cabelo, calçado e roupas mais práticos, que lhe proporcione mais liberdade e agilidade no exercício de suas atribuições.

Na revolução dos hábitos da mulher piauiense parece ter sido mais fácil aceitar e até aderir a uma nova moda do vestuário feminino, do que admitir que a mulher assumia na sociedade, papéis diferentes dos de boa dona de casa, esposa e mãe. As reações foram as mais intensas e os opositores justificam que a mulher ao abandonar o seu lar e sair em busca de trabalho desestrutura a família causando vários problemas sociais<sup>1</sup>.

A vida social do Piauí sempre girou em torno do campo. Não só a grande maioria da população habitava a zona rural e retirava seu sustento da agricultura, como também os próprios núcleos urbanos eram postos avançados da comercialização agrícola e pecuária. As pequenas concentrações urbanas situavam-se nas rotas do gado, a caminho das feiras e não dispunham nem de escolas nem de serviços de saúde e casas bancárias.<sup>2</sup>

A predominância do setor agrícola no Piauí, com caráter de estrutura agrária, prevalecendo um sistema fundiário baseado no latifúndio propiciou a formação de uma sociedade dividida em dois grupos sociais distintos: os grandes proprietários e uma massa de trabalhadores direta ou indiretamente ligada à produção agrícola. A posse de terra era o ponto de maior diferenciação da organização social.

---

<sup>1</sup> NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa, et al (Org). *Experiências de Pesquisa no Piauí*. Parnaíba-PI: Sieart. Vol.1, 2005.

<sup>2</sup> MARTINS, Agenor de Sousa, et al (Org). *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 2 ed. Teresina: Fundação Cepro, 2002.

Essa sociedade adquiriu um caráter essencialmente rural, devido a maior parte da população piauiense trabalhar nos latifúndios e habitar povoações interioranas voltadas para a produção agrícola. Outra característica dessa sociedade era possuir um baixo nível intelectual. Às vésperas da Independência do Piauí não havia escolas. Até para os grandes proprietários era difícil enviar seus filhos para conquistar o bacharelado nas grandes cidades brasileiras. Assim sendo, uma sociedade agrária e com baixo nível escolar se torna um alvo fácil de implantar mecanismos de controle sócio-político.

A unidade de produção dessa estrutura era a fazenda que detinha grande capacidade de autonomia, e pouco necessitava do exterior. A grande concentração de renda e a quase inexistência de circulação monetária desestimulava o comércio. Tanto que os trabalhadores livres eram pagos através de produtos agrícolas e o poder de compra se restringia a um pequeno número de grandes proprietários e funcionários públicos. Essa economia pouco necessitava de uma infra-estrutura de serviços. A formação do mercado interno foi impulsionada pelo extrativismo e pelo setor público, porém contrastava com a estabilidade apresentada pela estrutura agrária.<sup>3</sup>

As atividades de subsistência ocupavam a maior parte da população ativa do Piauí, que estava mais preocupada em sobreviver às constantes secas que assolavam a região. A situação econômica do Piauí tem sido caracterizada como de pobreza e dependência. Segundo o professor R. N. Monteiro de Santana<sup>4</sup>, quando se fecha a fase extrativista, por causa de fatores internacionais, a partir de 1940/1950, inicia-se um período de integração do Piauí ao processo de desenvolvimento brasileiro.

A política adotada pelo Governo Federal aliado aos Programas de Integração Nacional contribui nessa nova etapa, onde surgem as BRs. O Estado entra em contato com outras unidades federativas e interliga suas cidades. Essa política vai interligar a cidade de Picos com outras cidades, promovendo um “entroncamento”, ou seja, a cidade é cortada por várias BRs que favorece seu comércio se tornando um centro comercial e serviços como educação, saúde, bancos e etc.

---

<sup>3</sup> SANTANA, R. N. Monteiro de. *Piauí: Formação-Desenvolvimento-Perspectiva*. Teresina, Halley, 1995.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p, 193.

O habitante da zona rural migra para a cidade mais próxima, o da cidade menor para a maior, e por fim chegam à capital do Estado. Na verdade, as cidades não os absorvem. Em 1980, de toda a população urbana economicamente ativa do Piauí, apenas 27% desempenham qualquer emprego ou ocupação na indústria incipiente, no comércio ou no setor de serviços. Os 73% constituem uma população que se distribui entre serviços mal remunerados, empregos domésticos, em situação de subemprego ou desemprego. Portanto, a ausência de medidas para fixação do trabalhador e do produtor rurais reflete-se na vida das cidades.

No Piauí, a urbanização decorre do êxodo rural forçado pela falta de meios de subsistência no campo devido aos grandes latifúndios e pelo efeito calamitoso das estiagens consecutivas. A economia piauiense ainda guarda traços vivos da herança colonial, onde a pecuária foi e continua sendo extrativista.<sup>5</sup>

A partir dessas observações que foram feitas a respeito da formação da sociedade piauiense e a economia local, pode-se observar o baixo nível intelectual de uma sociedade rural que facilita a implantação de mecanismos de controle sociopolítico, onde a pobreza é agravada pela falta de investimentos na região. A realidade do Estado implica na realidade de suas cidades, portanto, esse também é um reflexo da sociedade de Picos.

Na década de 1950, a cidade de Picos foi o grande destaque dessa década passando a ocupar o 4º lugar das maiores cidades do Estado. Sua situação de “entroncamento” explica esse crescimento. Passam por Picos, em direção ao Norte e ao Nordeste, Sul e Sudeste do estado, rodovias federais que vão se ligar a outras vias estaduais, tecendo uma “rede viária” relativamente densa.

Como ocorreu com a maioria das cidades piauienses, Picos também se originou de fazenda de gado, localizada no fértil vale do rio Guaribas. A variedade de produtos do lugar, alho e cebola, com produção volumosa, propiciou o aparecimento de uma feira, que atraía as populações vizinhas. A cultura do algodão tornou-se relevante no município que possibilitou a implantação de indústrias têxteis, como a Indústria Coelho S/A.

Nesse momento vamos apresentar a trajetória de vida dessas mulheres e sua relação com a pobreza, já que esse foi um fator que determinou a escolha de suas profissões, na falta de algo melhor. A oportunidade de trabalhos melhores eram

---

<sup>5</sup> SANTANA, R. N. Monteiro de. *Piauí: Formação-Desenvolvimento-Perspectiva*. Teresina, Halley, 1995.

oferecidas às pessoas que possuíam melhor instrução, como as profissões de professoras, enfermeiras, médicos, advogados, etc.

A primeira entrevistada foi Helena de Araújo Sousa, apelido Dona Bilinha<sup>6</sup> originado de um bombom, por ser pequena. Filha de Ariolino Felipe de Araújo e Laurentina Maria de Jesus. Nasceu em 1927 no bairro Ipueiras e quando casou aos 22 anos de idade com o Sr. Nesim, passou a residir no bairro Umari. Ela relembra que no tempo que estudava não tinha divisões de séries, só fazia até o segundo ano, escrevia, contava, lia o que botava, estudava geografia, português. Aos 14 anos, Dona Bilinha, via a mãe costurando e foi daí que aprendeu a arte da costura.

A segunda entrevistada foi Conceição de Moura Santos, Dona Conceição<sup>7</sup>. Ela nasceu em 1955, no interior do município de Santana- PI, que na época fazia parte da microrregião de Picos. Antes de completar o magistério, aos 18 anos de idade, solteira e morando com os pais, ela trabalhou na loja Pernambucanas, uma loja de tecidos, na função de balconista. Dona Conceição relembra que trabalhar era mais por questão de sobrevivência, pra ajudar a se manter, adquirindo roupas, calçados, e também ajudar no orçamento em casa.

A terceira entrevistada foi Maria de Araújo Pereira, Dona Maria<sup>8</sup>. Filha de Ariolino Felipe de Araújo e Laurentina Maria de Jesus. Nasceu em 11/08/1937, no bairro Ipueiras. Ao casar-se, passou a residir no bairro Umari. Dona Maria era feirante, possuía uma barraquinha de comida, que segundo ela vendia muito bem. Aos 45 anos de idade, Dona Maria ficou viúva e com a missão de sustentar 11 filhos e uma nora. Foi nesse momento que seu trabalho deixou de ser complementar para se tornar a única renda da família

A quarta entrevistada foi Teresinha de Jesus Lima, Dona Teresinha.<sup>9</sup>Filha de Maria de Jesus Leal e José de Francisco Pinheiro. Estudou até a quinta série. Morava no Cristovinho e veio pra cidade de Picos, em 1986, quando começou a trabalhar na Indústria Têxtil, na função de operadora de máquina. Na época, era separada do primeiro marido.

---

<sup>6</sup> SOUSA, Helena de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva* . Picos, 11 de dezembro de 2012.

<sup>7</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva* . Picos, 18 de dezembro de 2012.

<sup>8</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva* . Picos, 08 de janeiro de 2013.

<sup>9</sup> LIMA, Teresinha de Jesus. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 12 de fevereiro de 2013.

A quinta entrevistada foi Adeíldes Barbosa da Silva, Dona Adeíldes<sup>10</sup>. Nasceu em 1957. Seu nível de escolaridade é Ensino Médio Completo, que ela conta com muito orgulho, pois terminou os estudos depois dos 40 anos de idade. Dona Adeíldes via a mãe indo pras Emergências<sup>11</sup>. Até que chegou a sua vez de ir. Ela trabalhou nas construções de açudes e barragens, nas redondezas de Picos. Desde os cinco anos de idade ia deixar comida pra mãe dela. Sua mãe trabalhava nas Emergências, que era a construção de barragens.

Todas as entrevistadas ressaltaram a pobreza e as poucas opções de trabalho no cenário picoense nas décadas de 1970 e 1980. E ainda afirmaram que esses trabalhos eram necessários para suprir as carências da família, como relembra Dona Maria:

Minha filha, eu não lembro o ano, mas eu sei que eu trabalhei mais de 20 anos lá na feira. Fazia comida e vendendo, pra que o que eu ganhasse no final da feira, era que eu fazia minha feirinha pra trazer pra meus filhos. A pobreza era tão grande minha filha! Não tinha água encanada, não tinha energia, não tinha nada. Era na tora que nem carne de porca! Outra opção era difícil, era difícil. Só mesmo em roça, lavando roupa no rio e nada mais!<sup>12</sup>

A pobreza foi fator determinante na vida dessas mulheres, que as engajaram tão cedo no mercado de trabalho, e as poucas opções devido o nível social e o pouco estudo associaram-nas às oportunidades que apareceram de complementar a renda familiar. Nas memórias de Dona Teresinha, ela faz menção às necessidades da época:

O lugar não oferece, o trabalho era questão de sobrevivência. Só um trabalhando é muito difícil e hoje ninguém cria filho mais! Você tem que trabalhar para dar uma vida melhor aos seus filhos, pra não chegar a ser igual a você, né, pra ganhar salário mínimo. Quem pensa nos filhos faz isso! Você não tem um salário bom, mas você consegue formar um filho pra ter uma vida mais fácil!<sup>13</sup>

Portanto, o presente trabalho tratará das memórias subterrâneas dessas mulheres, pois privilegia a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias.

---

<sup>10</sup> SILVA, Adeíldes Barbosa da. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 06 de março de 2013.

<sup>11</sup> Nome dado às obras do 3º BEC.

<sup>12</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 08 de janeiro de 2013.

<sup>13</sup> LIMA, Teresinha de Jesus. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 12 de fevereiro de 2013.

Assim, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas, que como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial, no caso a memória nacional.<sup>14</sup>

Essas memórias femininas são memórias subterrâneas porque foram silenciadas. Permanece no social de que o trabalho feminino é sempre inferior ao masculino, ou mesmo como auxiliar. Não era dada voz a essas mulheres para falarem sobre a importância dos seus trabalhos. Essas mulheres vão nos dar outra visão da história, pois elas relatarão as reais dificuldades enfrentadas para permanecer no trabalho, as críticas que tiveram que ouvir, como também a saudade dos momentos alegres que viveram em suas profissões.

E é por isso que esse trabalho é importante, já que está dando voz às essas mulheres que sustentavam a casa, que tinham que prover o sustento da família por diversos motivos, seja para complementar o orçamento doméstico ou por essa renda ser a única que a família possuía.

### **1.1 Os espaços de trabalho na cidade de Picos**

Picos, na década de 1950, era envolvida pelo Rio Guaribas, sendo perene tinha água correndo durante todo ano. O rio possibilitava uma atividade econômica para as trabalhadoras pobres como relembra Renato Duarte:

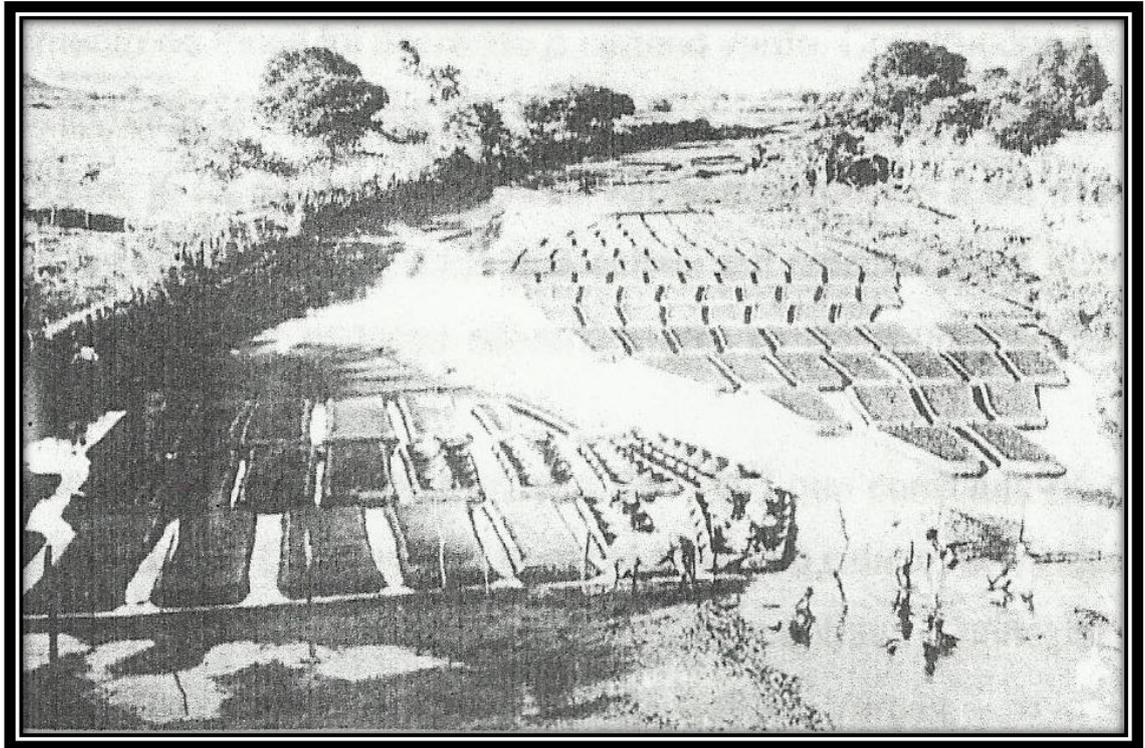
Uma atividade econômica dependente das águas do rio era a lavagem de roupa. As lavadeiras distribuíam-se em grupos por vários trechos do rio, atraídas por dois fatores, o acesso, ou seja, a ocupação livre da área; e as condições naturais do trecho do rio, especialmente o formato de relevo das margens, o tipo de solo e a profundidade das águas. A água e a areia do rio também eram usadas para arear as panelas das cozinhas picoenses.<sup>15</sup>

O rio Guaribas exercia papel fundamental na vida e na economia da cidade, onde as pessoas o utilizavam como estratégia de sobrevivência. O cultivo de alface, coentro, cebolinha, cebola, e alho era facilitado por conta do rio.

<sup>14</sup> POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio; tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 02, n. 3, 1989, p. 3-15.

<sup>15</sup> DUARTE, Renato. *Picos os Verdes Anos Cinquenta*. 2. ed. Ver. Ampl. Recife: Graf Editora Nordeste. 1995. p. 18.

**Ilustração 01:** Vista de uma vazante do rio Guaribas



Fonte: (DUARTE, 1995. p. 23)

A cidade era abastecida por suas águas. Além da importância para a sociedade, o rio Guaribas também era uma opção de lazer, trechos onde a água era funda transformavam-se em banheiros públicos. Existiam os poços dos homens e das mulheres. O poço das mulheres também era utilizado para banhos, geralmente as pessoas banhavam despidas, sem que isso despertasse sentimentos de pudor e malícia. Outra opção de lazer oferecida pelo rio Guaribas era a pesca.<sup>16</sup>

A cidade de picos demonstrava uma vocação comercial, sendo que a agropecuária e o comércio eram as atividades econômicas dominantes. Em suas lembranças, Dona Conceição enfatiza:

As opções de trabalho era o comércio. O comércio centralizado nas ruas: Avenida Getúlio Vargas, na Coronel Francisco Santos. Se destacava muito o couro, a cera de carnaúba, o comércio da cebola, do alho que era produzido até aqui na região de Picos também. São vários comércios varejistas!<sup>17</sup>

Segundo Renato Duarte, a estrutura econômica de Picos tinha a seguinte divisão: Agropecuária, Comércio (atividade dominante), Feiras (maiores do Sertão

<sup>16</sup> Ibid., p. 20.

<sup>17</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 06 de dezembro de 2012.

Nordestino) e Unidades Processadores de Matéria-Prima, como usinas de beneficiamento de algodão, arroz, cera de carnaúba e maniçoba; fábricas de cigarros, sabão, redes, curtumes, padarias, alambiques, olarias, casa de farinhas e engenhos de cana e um variado artesanato utilitário que usava como matéria prima o couro na fabricação de malas de carga e de apetrechos usados pelos cavaleiros, arreiros, seleiros e vaqueiros; a palha na confecção de jacá, surrão, cofo, uru, caçuá, esteira, tapeti, urupemba, peneira, chapéu, abanador; caroá pararede, manta, corda, arreo, cabresto, tarrafa; o barro no feitiço de pote, panela e alguidar.

A feira sempre foi considerada um espaço de encontros, principalmente de mercadores, frequentemente vindos de longe e seu trajeto durava muitas semanas. Não diferente, em Picos a feira livre tem se constituído um espaço de interação e construção identitária, que contribuiu para o crescimento da cidade, que tem se tido destaque em seu setor econômico, favorecido pela sua localização rodoviária, ou seja, a referida cidade constitui-se o segundo maior entroncamento rodoviário do Nordeste, abrigando uma das maiores feiras livres do país.<sup>18</sup>

A malha rodoviária interliga a cidade de Picos com cidades vizinhas e centros consumidores da região Sudeste e Centro-Sul do Estado do Piauí, servindo como ponto de comércio para mercadorias de importantes centros produtores, do Nordeste, como Petrolina-PE, e o Cariri cearense. Além da interligação com a Capital do Estado do Piauí, a cidade de Teresina, polo de serviços e onde se concentram os poderes executivo e legislativo do Estado. (DUARTE, 2000).

Na década de 1950, a feira de Picos era considerada uma das maiores do sertão nordestino. Funcionava em barracas, tendas e bancas, no pátio interno e na área em torno do mercado público. O sábado era o dia da feira. A feira de então era pequena e pouco diversificada, mas já era uma das maiores do interior nordestino (ilustração 2). Estima-se um movimento de entrada e saída de 80 a 100 caminhões diários. Eram vendidos principalmente os produtos da agropecuária e do artesanato locais, sendo reduzida a oferta de produtos industrializados de outras origens.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> CARVALHO, Elieny Veloso de Carvalho. *Importância da feira livre de Picos para a construção de identidades históricas a partir da década de 1950*. 62 f. Monografia. Universidade Feral do Piauí: Picos, 2013.

<sup>19</sup> DUARTE, Renato. *Picos os Verdes Anos Cinquenta*. 2. ed. Ver. Ampl. Recife: Graf Editora Nordeste. 1995.

**Ilustração 2** – Feira de Picos na década de 1950



Fonte: Museu Ozildo Albano

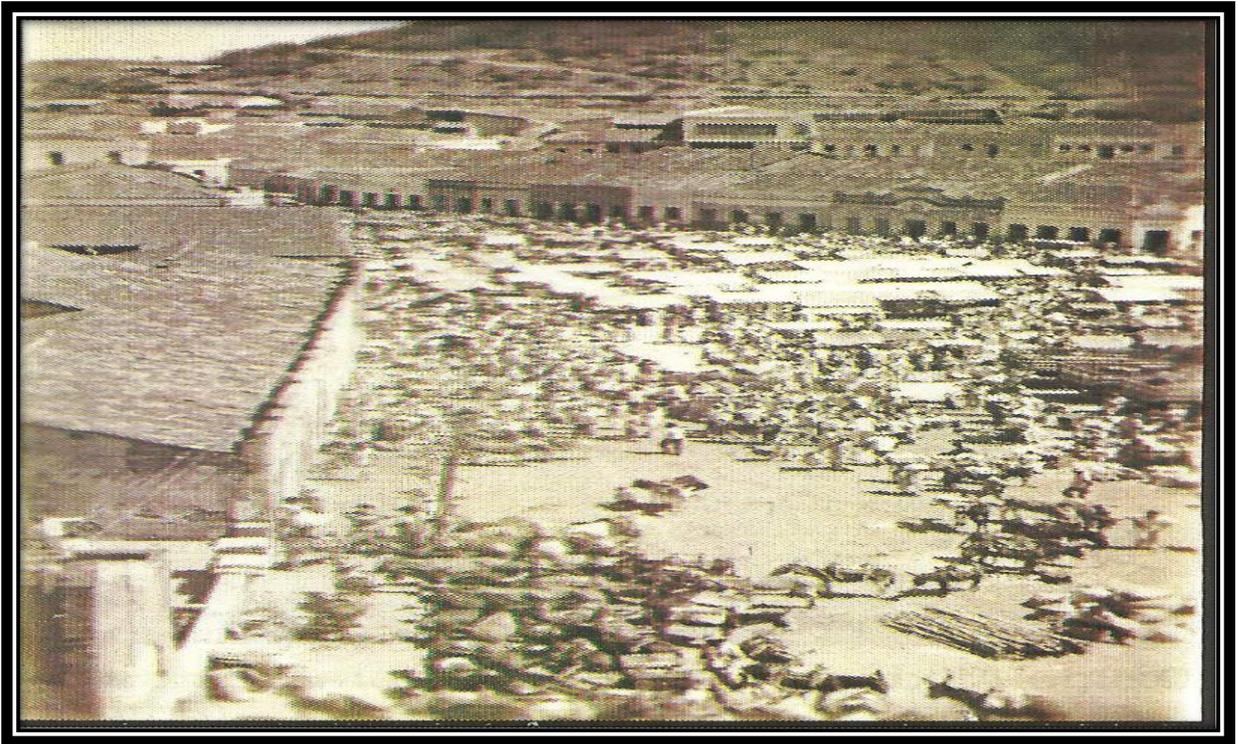
Esse comércio informal era uma estratégia de sobrevivência encontrada pelas camadas menos favorecidas da população, diante das limitadas oportunidades de trabalho na cidade. Essa estratégia foi utilizada por Dona Maria, que tinha uma barraca de comida na feira. Conforme suas lembranças: “Muié era gente demais, os mangaieiros vinha comprar arroz, feijão, goma, cebola, alho pra levar pra feira de fora. E aí o ponto era lá!”<sup>20</sup>

Diante das lembranças de Dona Maria, podemos ter uma idéia de como a feira picoense era um local de relações econômicas, sociais e culturais, o que acaba por fazer desse lugar um espaço para a construção e criação de identidades e relações, pois recebia bastantes pessoas e nela ocorria um momento de socialização entre as pessoas da cidade e as que vinham de outras regiões, onde os agricultores de subsistência vendiam seu pequeno excedente agrícola e adquiriam algumas mercadorias para complementar sua cesta de consumo.

---

<sup>20</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 08 de janeiro de 2013.

**Ilustração 03** – Feira de Picos na década de 1960



Fonte: Museu Ozildo Albano

Apesar de existirem algumas lojas no centro de Picos, muitas pessoas utilizavam roupas confeccionadas por alfaiates e costureiras locais. A costureira Dona Bilinha relembra:

Eu cortava direto! Eu tava dentro dos 15 anos, 14 anos completos. Aí eu comecei a costurar e costurava pra família toda de graça(risos). E costurava também pra ganhar, nera?! Ganhava, ganhava dinheiro. Aí vim aqui pro Umari e fiquei costurando. E aí não! Peguei freguesia em São José, Cipaúba, esse lado dessas redondezas tudo! Tinha costura pra gente fazer direto.<sup>21</sup>

O exemplo de Dona Bilinha que começou a trabalhar com 15 anos de idade, reforça a idéia defendida por Cândido Alberto Gomes<sup>22</sup>, que a maioria da população brasileira começa a trabalhar cedo, sai prematuramente da escola, tem mais reprovações e precisa conciliar trabalho e estudo, de modo a obter acesso a uma escolaridade supletiva, frequentemente precária. Por não ter idade suficiente para legalizar sua situação, muitos desses jovens se inserem em atividades autônomas, que lhe propiciam salários menores e nenhum direito trabalhista.

<sup>21</sup> SOUSA, Helena de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 11 de dezembro de 2012.

<sup>22</sup> GOMES, Cândido Alberto. *O jovem e o desafio do trabalho*. São Paulo: EPU, 1990. p. 19.

No centro de Picos existiam diversas lojas, dentre as quais, se destacava A Pernambucana, situada na Avenida Getúlio Vargas:

Ilustração 4 –Loja A Pernambucana



Fonte: Museu Ozildo Albano

A loja A Pernambucana era uma loja que predominava a venda de tecido, mas também tinha um pequeno setor que vendia confecções e máquinas de costura. Essa loja atraía muitos clientes de diversas localidades da macrorregião de Picos. Segundo as lembranças de Dona Conceição:

Era muito movimentado. Tinha o pessoal no final de semana que vinha de outras regiões, da microregião de Picos. As Pernambucanas era o comércio central de Picos, mas tinha outras: Lojas Bernardes, tinha a loja que fazia vendas pra outras cidades também, tinha a loja do pessoal dos Eulálios, de Zito Dantas. Tinha as lojas Narciso, Casas Day. A primeira grande loja de Picos foi as Pernambucanas. O movimento era grande e a loja que vendia mais era as Pernambucanas! Essa loja atraía muitos clientes de diversas localidades do município!<sup>23</sup>

<sup>23</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 18 de dezembro de 2012.

Em 1972, o 3º BEC ( Batalhão de Engenharia e Construção) chegou a região, e muitas melhorias aconteceram, como as construções das BRS 316, 407 e 020, no início da década de setenta (1971). Destacaram-se também as construções de barragens e açudes, para o armazenamento de água devido a grande seca que castigava a região. O motivo desse destaque, é que essas barragens eram feitas por um grande número de mulheres.

**Ilustração 5 – Construção de Barragens**



Fonte: Arquivo 3º BEC

As emergências também foram responsáveis pelas construções de casas que eram doadas aos necessitados: a Construção Civil era um espaço dominado pelos homens, justificado pela força física que é empregada em tais trabalhos:

**Ilustração 6 – Casas doadas pelas Emergências**

Fonte: Arquivo 3º BEC

Mesmo a Construção Civil privilegiando o gênero masculino, a participação feminina foi aumentando, ao ponto de mulheres construíram barragens, açudes e casas para doações. De início, sua participação era apenas para fazer a comida para os trabalhadores da obra, para não haver o deslocamento de tanta gente para suas casas e agilizar a obra, aumentando a produtividade. Devido a grande necessidade de mão de obra para concluir as obras e as poucas oportunidades de ingresso em outras profissões, as mulheres começaram a participar dessas construções de barragens e açudes. O Barreiro de Fafá de Belém, do município de Francisco Santos, foi construído somente por mulheres. Uma dessas mulheres é a Dona Adeíldes, que se emociona ao lembrar esse período:

Eu mesmo comecei em 1988, foi em 1988 que eu comecei a trabalhar, mais ou menos eu trabalhei de quatro a cinco anos de emergência. Tudo que vinha! Eu não arrumava vaga lá na prefeitura, brigava por vaga. As vagas vinham pra prefeituras de todas as cidades. Na época que eu trabalhei o início foi de Picos, depois da Sussuapara.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> SILVA, Adeíldes Barbosa da. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 06 de março de 2013.

Dona Adeíldes afirmou que trabalhava no pesado mesmo, onde os homens iam cavando o barro e as mulheres iam pegando e levando para outro lugar. Na época, o instrumento para carregar esse barro ou areia, não era nem carrinho de mão, era pau de paviola, a união de dois paus e um papelão por cima. Para carregá-lo precisava de duas pessoas, uma pegando de cada lado. Ela ressaltou que esse trabalho era pesado, mas diante do todo, ainda era o jeito para as mulheres. Houve uma época que o salário desses trabalhadores era pago metade em dinheiro e a outra metade com uma cesta básica.

A demanda por mão-de-obra e a necessidade de trabalho, possibilitava ou fazia com que a mulher desempenhasse funções em trabalhos que seria culturalmente considerado masculinos. Muitas vezes, por falta de com quem deixar as mães levavam seus filhos para as Emergências.

Na década de 1970, chegou à região de Picos o Grupo Coelho, interessados em instalar a Indústria Coelho S/A na cidade picoense. A região apresentava uma grande quantidade de algodão, que era a matéria-prima utilizada para a fabricação de produtos têxteis industrializados. Portanto, a oferta do produto base da indústria têxtil, aliada à facilidade de se conseguir mão de obra barata, foram alguns dos fatores que estimularam a vinda de uma filial da Indústria Coelho S/A de Pernambuco para Picos.

Construída na BR-316, na Av. Senador Helvídio Nunes, no ano de 1973 e com funcionamento em julho de 1974, a Indústria Coelho S/A proporcionou um grande desenvolvimento à região, na medida da geração de trabalho, renda para a cidade, abrindo muitas oportunidades a homens e mulheres oferecendo seu primeiro emprego.<sup>25</sup> A Indústria era equipada com máquinas avançadas, aparelhamento moderno e com grupo de funcionários de aproximadamente mil e cem funcionários.

---

<sup>25</sup> ALVES, Marli Costa. *História e Memória da Indústria Coelho S/A: trabalho e cotidiano dos operários de Picos( 1970 a 1999)* 89f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012

**Ilustração 7:** Vista aérea da Indústria Coelho S/A em Picos.(1989)



Fonte: Arquivo da Indústria Coelho

A mão de obra utilizada na fábrica se dividia entre o operariado masculino e feminino. Muitas mulheres foram empregadas na fábrica têxtil, como a entrevistada Dona Teresinha, ela faz menção às suas lembranças de operária na fábrica: “Trabalhava seis por dois, trabalhava seis dias e folgava dois. A mulher era 40% por cento na fábrica. As mulheres operavam as máquinas e os homens ficavam com a parte mais pesada.”<sup>26</sup>

Folheando a *Revista Foco*<sup>27</sup>, um periódico semanal que circulava na cidade de Picos, nos anos 2000, encontrei a biografia de Alexandrina Cardoso de Alencar, a Dona Calu. O artesanato é uma atividade aberta às mulheres, onde as atividades manuais faziam parte da educação feminina. Dona Calu era uma mulher que se destacava no artesanato picoense. O artesanato manual é um trabalho que necessita de muita habilidade, criatividade e delicadeza feminina. Ela confeccionava objetos em tabatinga (material semelhante à argila) e em gesso nas diversas formas e tamanhos, que enfeitavam os mais diferentes ambientes de residências, comércios e templos de Picos, no Nordeste e fora dele.

<sup>26</sup> LIMA, Teresinha de Jesus. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 12 de fevereiro de 2013.

<sup>27</sup> FOCO: revista semanal de cultura, política, arte. Picos: n 3, 2000. p 6.

Ilustração 8: Dona Calu



Fonte: Revista Foco

Aos 10 anos de idade, Dona Calu, já demonstrava sua habilidade manual, que se transformou em um meio de sobrevivência da sua família e uma expansão da arte plástica picoense. Ainda menina, vinha para a feira livre de Picos, aos sábados, com uma caixa de objetos feitos de tabatinga durante à semana. Esses objetos eram rapidamente comercializados debaixo de uma lona e sua mãe, de posse do dinheiro, fazia a feira doméstica da casa.

Ela explica que sua habilidade é fruto de dom e inspiração divina, já que nunca frequentou nenhum curso de aperfeiçoamento. Entre suas criações, estão pequenos objetos como galinhas, pavões, patas, pássaros, abóboras, leões, índios, quadros e estátuas. Especialista em imagens humanas e de animais, seu modo de trabalhar é de uma precisão cirúrgica, detalhista e paciente: faz e fôrma em tabatinga ou de gesso, confecciona os objetos, depois lixa as peças, uma a uma e vai pintando-as artesanalmente.<sup>28</sup>

A necessidade de sobrevivência através do trabalho era tanta, que a mãe de Dona Calu não a deixou prosseguir nos estudos, mesmo vendo que a filha se interessava e se preocupava em avançar neles. Sua mãe lhe tirava da escola para cuidar de seus irmãos mais novos. Assim sendo, só chegou a cursar a 3º série primária.

<sup>28</sup> FOCO: revista semanal de cultura, política, arte. Picos: n 3, 2000. p 6.

Mesmo com pouca instrução, Dona Calu ficou conhecida não só na cidade picoense, mas também em muitos outros lugares pela precisão e sofisticação de suas peças. O reconhecimento pela sua arte lhe dá muito orgulho. Porém, um problema de visão a impossibilitou de continuar sua rotina de produção.

## **1.2 Trabalho Feminino: aspectos sociais- econômicos e família**

O tipo predominante da família picoense era o tradicional, de poucos recursos, em que o pai é o chefe, a mãe é a administradora do lar e todos os filhos, que em idade adulta, contribuíam para o sustento da mesma.<sup>29</sup> As famílias picoenses passavam por grandes dificuldades sociais e financeiras. Era um povo unido e batalhador que vivia principalmente da agricultura. Priorizavam a moral. O respeito era a principal característica dos relacionamentos amorosos.

A grande maioria se dedicava muito cedo ao trabalho, e muito cedo os pais arranjavam-lhes casamento, com quinze anos de idade. Este era combinado pelos pais, realizados ou na Igreja ou na casa da noiva, e seguiam os princípios de parentesco, ocupação social e fatores econômicos. Muitas vezes a moça só conhecia o pretendente no momento do casamento. Após o casamento, geralmente as mulheres tinham acima de oito filhos e muitas vezes ficavam casadas pelo resto da vida. Era difícil desfazer os casamentos e a mulher separada era discriminada. A virgindade era muito valorizada na sociedade picoense, principalmente sua preservação antes do casamento. Os pais de antigamente eram muito rígidos, nunca falavam abertamente sobre determinados assuntos como sexo com as filhas.

Era comum o casamento entre primos, entre tios com sobrinhas e vice-versa. As famílias se entrelaçavam com casamentos entre filhos de fazendeiros vizinhos, já de si, parentes próximos, tornando mais próximo ainda o grau de parentesco e fundando assim, novos núcleos familiares e, por conseguinte, mais fazendas.

A mulher picoense era muito reprimida, submetida à vontade do pai, e depois que casava as ordens do marido prevalecia. Ela não podia manifestar suas vontades, já que seria ignorada. Seu único papel era cuidar da casa, dos filhos e do marido. Desde pequena, trabalhava na agricultura para ajudar a sua família. Dessa forma ela meio que ia se inserindo na profissão de agricultora. As mulheres que

---

<sup>29</sup> ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas Anotações de Ozildo Albano*. Picos: [s.n.], 2011, p. 164.

tinham uma posição social mais elevada trabalhavam como enfermeiras e professoras. Já as mulheres menos favorecidas trabalhavam como costureiras, balconistas de lojas e na feira.

Segundo Michelle Perrot<sup>30</sup>, à dona-de-casa, seu trabalho não é remunerado, ela não tem acesso ao dinheiro, a não ser pelos serviços miúdos, que sempre se esforça em fazer, caber dentro do tempo que lhe deixa a família, atividades comerciais, venda em bancas ou cestos, horas de faxina para fora, lavagem de roupas, trabalhos de costura, tomar conta de crianças. Apesar desse esforço para ganhar um pouco de dinheiro, a dona de casa depende do salário de seu marido! A mulher pobre tinha que conviver com o pouco salário que o marido recebia e a vontade de escapar da miséria com seu próprio trabalho, arriscando sua moral.

Para tentar reverter um pouco essa realidade da vida doméstica, a necessidade de complementar a renda ou de prover o sustento da casa são os impulsionadores dessas mulheres, para conciliar esses arranjos familiares. O trabalho feminino extra-doméstico exigia uma tripla jornada, pois, além de cumprir suas tarefas no serviço, ela precisava cuidar dos afazeres domésticos e da educação dos filhos.

De acordo com Dona Maria, a ausência do seu esposo de casa, por longos períodos de tempo, o cuidado com seus onze filhos e o trabalho na feira era muito difícil, e se agravou quando seu esposo faleceu, pois a deixou com muitos filhos pequenos. Para poder trabalhar, os filhos maiores cuidavam dos mais novos:

Nesse tempo, Zé trabalhava no BEC, trabalhava no Rancho do Batalhão, trabalhou em Tauá, trabalhou pra lá de Jaicós, noutra cidadizinha que tinha. Ele passava era de 45 dias pra vim em casa, era, e eu quebrando cabeça nessa feira e na roça com esse tanto de menino. Quando ele tava em casa, ele ía muito me ajudar na feira. Na época que ele morreu eu tinha onze filhos, quando ele morreu a mais pequena tinha três anos e Dadá tinha cinco anim. Quando meu marido morreu eu já trabalhava há tempo. Ele morreu no dia 18 de março de 1983, vai fazer 30 anos agora em março. Quando ele morreu, eu tinha 45 anos e já trabalhava na feira. Eu ia com os três maiorzim e minha menina ficava em casa tomando conta dos outros!<sup>31</sup>

<sup>30</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*; Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>31</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 08 de janeiro de 2013.

As entrevistadas que eram casadas e que tinham filhos nessas décadas eram Dona Bilinha e Dona Maria. Dona Bilinha relata que nessa época muitas mulheres já trabalhavam, muitas de suas primas também trabalhavam na feira, também vendendo confecção. Ela disse que seu esposo nunca foi contra, gostava que ela trabalhasse nessa profissão e a apoiava muito, em relação aos seus filhos, eles também tinham a mesma postura. Tanto que um de seus filhos a incentivou de deixar a costura em casa, para ir trabalhar numa banca de roupas na feira vendendo confecção.

Entretanto, de acordo com as memórias de Dona Conceição a sociedade pregava que a mulher não precisava trabalhar, mas devia ficar em casa, cuidando da família:

Falavam assim, que as mulheres não precisavam trabalhar não! Tinha pai, tinha que dar comida! E se era casada não precisava trabalhar, porque tinha o esposo e tinha que cuidar da família. Inclusive até La na loja que eu trabalhava não tinha nenhuma casada. Todas eram solteiras! Naquela época eu percebia que as mulheres casadas não trabalhavam no comércio! Elas trabalhavam quando era no próprio comércio. Podiam trabalhar assim, parentes do próprio dono, mas assim pessoas de fora não!<sup>32</sup>

Já nas lembranças de Dona Maria ela relata: “Tinha homens que não diziam nada não! Mas outros dizia: -Ah, vai só por folia, não sei o quê!”<sup>33</sup> Portanto, podemos perceber que as memórias são conflitantes, na medida em que num mesmo espaço social, existem várias representações sobre a mulher. Esse confronto de memória entre a memória individual e a memória dos outros, mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.<sup>34</sup>

Diante da apresentação dos espaços de trabalhos picoenses, tanto masculinos como femininos, iremos para o próximo capítulo analisar as trajetórias das entrevistadas, suas formas de se relacionarem com o universo do trabalho, bem como desenvolviam suas sociabilidades com o sexo masculino. Serão relatadas as

---

<sup>32</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 18 de dezembro de 2012.

<sup>33</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 08 de janeiro de 2013.

<sup>34</sup> POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*; tradução de Monique Augras. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 05, n. 10, 1992, p. 200-212.

dificuldades enfrentadas para conseguirem sobreviver nesse espaço dominado pelos homens e as lembranças de saudade.

## 2 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DAS TRABALHADORAS POBRES EM PICOS NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980

Nesse capítulo, serão abordadas as trajetórias de vida das entrevistadas, a forma de relacionarem com o público, marido e filhos, como também as dificuldades sofridas para permanecerem no mercado de trabalho. Segundo Lucília Delgado:

A reconstrução da trajetória de sujeitos históricos constitui-se por depoimentos aprofundados e, normalmente mais prolongados, orientados por roteiros abertos, semi-estruturados ou estruturados que objetivam reconstruir, através do diálogo do entrevistador com o entrevistado, a trajetória de vida de determinado sujeito (anônimo ou público) desde sua infância até os dias atuais.<sup>1</sup>

Nessa pesquisa, utilizaremos as histórias de vida como pesquisa biográfica múltipla, pois se trata de um conjunto de depoimentos de história de vida, vinculados a um projeto de pesquisa a que se propõe, por exemplo, a recolher depoimentos de sujeitos históricos, anônimos ou não, que atuaram em um mesmo movimento social, político, religioso ou cultural.

As histórias de vida são fontes riquíssimas na reconstituição de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas, podem captar com detalhamento o que pode ser denominado como “substrato de um tempo”.

### 2.1 A entrada no mercado de trabalho

Nesse tópico, será analisado como as entrevistadas entraram no mercado trabalho, o porquê da escolha de suas profissões. Todas as entrevistadas afirmaram que seu primeiro trabalho era na roça, ajudando seus pais. Como ressalta D. Conceição:

Trabalhava na agricultura, desde pequenininha com sete anos, feijão, algodão, trabalhando mesmo em trabalho de roça. Tudo que tinha, a gente fazia, tirar leite de vaca. Todo o serviço da agricultura eu sei fazer!<sup>2</sup>

<sup>1</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral- memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 125.

<sup>2</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 18 de dezembro de 2012.

O que se percebe é que elas foram jogadas no mundo adulto muito cedo. No momento das entrevistas, nenhuma delas relatou lembranças de infância, como brincar, ser criança sem preocupações. Para essas mulheres, o trabalho não era uma opção de vida ou visto como uma emancipação feminina, mas sim, uma necessidade de sobrevivência.

Diante das cinco entrevistadas, três delas se inseriram no trabalho formal: Dona Conceição, Dona Teresinha e Dona Adeídes e duas no trabalho informal: Dona Bilinha e Dona Maria.

As atividades formalizadas, com horários regulares de trabalho exigem muito do empregado, muita disciplina, cumprimento dos horários e da carga horária. Em 1973, D. Conceição tinha 18 anos de idade, ainda fazia o ginásio e procurava vaga de emprego:

Fui procurando vaga. Ninguém me indicou não, eu procurei! Naquela época, o gerente era José de Nobre, de Fortaleza, ele não era de Picos, era de fora. Então a loja Pernambucanas era a maior loja aqui de Picos do comércio, era loja de tecidos e também vendia confecções e vendia máquinas de costura. Em 1973, eu ingressei, com 18 anos de idade. Para dar início, fiz um teste das quatro operações de conta!<sup>3</sup>

Dona Conceição era uma adolescente que procurava algo além do que seus pais tinham condição de oferecer. Para tal, ela percebeu que trabalhar seria a solução, portanto ela mesma saiu à procura de uma vaga de emprego e conseguiu na loja Pernambucanas, uma vaga de balconista, mas antes de começar a trabalhar ela passou por testes de conhecimentos matemáticos para ocupar tal função.

Dona Teresinha relembra que foi com a ajuda de uma amiga que conseguiu entrar na Indústria Coelho:

Foi uma amiga minha que trabalhava lá, trabalhava no morro da Indústria, aí os patrões vinha pra lá e aí ela ficou aperiada com o serviço. Aí mandou me chamar! Aí eu vim !Fiz um teste, onde me explicaram o serviço, me acompanharam e eu passei! Já passei a trabalhar dentro da empresa, na função de operadora de máquina, em 1986.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 18 de dezembro de 2012.

<sup>4</sup> LIMA, Teresinha de Jesus. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 12 de fevereiro de 2013.

O que vale ressaltar é que essa amiga de Dona Teresinha abriu as portas para que a mesma pudesse trabalhar com ela na Indústria. Realizou testes de habilidades, e foi aprovada. É interessante ressaltar que Dona Conceição e Dona Teresinha tiveram passar por testes de conhecimentos e habilidades para poderem ser contratadas.

A escassez de emprego em lojas e indústrias e a convivência dessa profissão através da mãe fizeram com que Dona Adeíldes trabalhasse nas frentes de emergência, ajudando nas construções de estradas, açudes e barragens. Ela relata a necessidade da época (1980) e relembra o início nas Emergências:

Comecei a trabalhar por necessidade mesmo. Não tinha emprego, quer dizer, tinha emprego, mas pra gente arrumar emprego era muito difícil. Era muito difícil, né?! Inclusive esse emprego meu bem aqui<sup>5</sup> eu arrumei com 40 anos, meu primeiro emprego com carteira assinada. Todo mundo, muié tu vai sujar tua carteira, tu vai sujar tua carteira, como é que tu vai se aposentar? Eu sempre fui de roça, sempre, sempre, sempre. E aí, ah meu filho não quero nem saber! Eu não sei se vou nem viver pra me aposentar! Mas eu esperei 40 anos da minha vida pra me arrumar um emprego de carteira assinada. Eu não assinei antes porque eu nunca tinha achado! Eu sempre trabalhava! Eu mesmo comecei em 1988, foi em 1988 que eu comecei a trabalhar, mais ou menos eu trabalhei de quatro a cinco anos de emergência. Tudo que vinha! Eu não arrumava vaga lá na prefeitura, brigava por vaga. As vagas vinham pras prefeituras de todas as cidades. Na época que eu trabalhei o início foi de Picos, depois da Sussuapara. Onde a gente tava eu arrumava uma vaga. Eram contratadas pela prefeitura, o BEC só auxiliava e fazia os pagamentos. O BEC não recebia o dinheiro não! Ele só auxiliava pra dar uma segurança. Recebia da prefeitura, vinha do Governo Federal. Sempre que tinha as Emergências, as vagas vinha pra prefeitura, e como sempre, até hoje, vem pra prefeitura e é distribuída pros vereadores. Quem não é eleitor, fica pra trás! Mas eu nunca deixei, nunca! Não tinha conversa não! Ah meu amigo não quero nem saber, a vaga é minha! Inclusive, nas derradeiras Emergências mesmo eu peguei briga na prefeitura. Até ameacei que ia rasgar papel sabe! Ou vocês me botam... porque eu to precisando, eu preciso! Se vocês não me botam eu rasgo as folhas de pagamento. Sempre briguei, sempre! E sempre entrei!<sup>6</sup>

Dona Adeíldes contou que sua mãe já trabalhou nas Emergências, portanto ela já conhecia como funcionava. A necessidade, devido a pobreza que assolava a

---

<sup>5</sup> Ela faz referência ao emprego atual que é servidora da UFPI.

<sup>6</sup> SILVA, Adeíldes Barbosa da. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 06 de março de 2013.

região, foi o impulsionador de sua entrada nas Emergências. Mesmo quando não arrumava vaga ela batalhava até conseguir.

O trabalho informal era utilizado por muitas pessoas como um meio de sobrevivência. A pouca instrução e a falta de oportunidades de emprego, eram os motivos que levavam as pessoas a procurarem soluções para sobreviver. Dona Maria é uma dessas pessoas, que para driblar a pobreza, pede ao marido para trabalhar fora de casa. Assim, ela relembra o início do trabalho na feira livre de Picos:

Já, a pobreza era tão grande minha filha, aí eu vou te contar porque tenho a lingona, aí eu sou babugenta(risos). Aí eu chamei ele, meu marido: - Zé deixa eu ir vender comida na feira. E ele: - Deus me livre, não sei o quê! Acha que se a mulher fosse pra feira ficava desonrada, não sei o que era. Ah minha filha, aí eu sei que eu terrei nos pés: -Eu vou! Aí tinha uma cumade minha, Cumade Barba, que ela também tinha um monte de filhos, era bem pobrezinha, coitada! Cumade barba, bora botar pra nós duas, na feira. Aí ela, pois vamo Cumade. Aí eu comecei mais ela, vendia as duas nessa banca. Aí partiu indo todo sábado, todo sábado, aí ela foi e disse: -Não cumade, agora eu vou botar uma pra mim só. Aí nós dividimos, ela ficou numa banca e eu noutra(risos). Mas ela, todo mundo tinha inveja de mim, porque dizia que eu vendia muito (risos). Ela dizia: - Logo eu não sei bater papo com ninguém, não sei o quê. Aí eu disse:- Eu sei babujar, eu sou babugenta.<sup>7</sup>

Dona Maria relembra a pobreza que enfrentava, vendo o trabalho na feira, uma saída para melhorar a renda da família, complementando sua cesta básica. Mesmo seu esposo contra, ela seguiu a diante nessa empreitada e o trabalho na feira foi o que sustentou a ela e os seus 11 filhos quando a mesma ficou viúva.

Dona Bilinha trabalhou mais de 20 anos de sua vida com a costura e seu primeiro contato com essa profissão foi com sua mãe, como ela relata:

Eu via mamãe costurando, nera?! Eu via mamãe costurando! Ela tinha uma máquina de costura dessas manual e aí costurava. Eu sabia costurar, o primeiro vestido que fiz, foi cortei sozinho sem mamãe sem tá em casa nem nada. Fiquei, fiz até escondido dela, porque ela não queria que eu costurasse. Eu pedi pra ela cortar, eu pedi pra ela cortar pra ficar cortado pra eu costurar. Aí ela disse: - Não você não sabe cortar, você não sabe costurar. Ela ía sair. Eu disse: - Mãe corta o vestido que eu sei costurar. Mas eu não sabia cortar. Nesse dia ela saiu, e aí eu pedi pra ela cortar, pra eu ficar

---

<sup>7</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 08 de janeiro de 2013.

costurando e ela: - Não, não vou cortar não, porque você não sabe costurar! Aí ela saiu e eu disse: -Mãe, pois eu vou fazer esse vestido. E ela: - Pois você não faça não. Mãe era meio “grossa” (risos), ela castigava a gente! Na hora da mei dia, ela chegou. No tempo, era vestido, a saia e pregava o corpo na saia, né?! Aí eu tava enlinhavando a cintura quando ela chegou. –O que é que você tá fazendo aí? E eu respondi: - É o vestido, meu vestido. – Não acredito não Bilinha! Pois deixa eu ver, eu sei que tu não fez bem feito! E eu: - Não amostró a ninguém, só quando eu fizer e aí quando ela chegou, eu tinha ficado pra fazer o almoço e não fiz. Mamãe foi fazer o almoço, botar o feijão no fogo e aí eu fiquei: -Só saio daqui quando eu terminar! Passei a costura na coisa e enlinhabei, só faltava isso. Entrei lá pra dentro do quarto, fazer o embanhado e costurei a costura e fui lá pro quarto e vesti o vestido, né?! Aí eu disse: - Agora venha ver o vestido. Aí eu vesti o vestido e ela disse: -Ah minha filha, eu não acredito que foi você que fez esse vestido não. Pois acredite, só olhando! Só olhando! Eu sabia que sabia fazer. A gente na mente, a gente num sabe quando sabe fazer uma coisa. Imaginei e fiz. Queria trabalhar com a costura. Desse dia pra cá, nunca ninguém na Ipueiras mais mandou fazer um vestido se não fosse eu!<sup>8</sup>

Assim sendo, Dona Bilinha descobriu o gosto pela costura, pois convivia com essa profissão dentro de casa, vendo sua mãe costurando. Daí ela percebeu que também tinha a mesma habilidade de sua mãe e acabou se tornando a mais nova costureira da família, tirando sua renda dessa profissão.

Vale ressaltar que nos dois casos, de Dona Aldeídes e o de Dona Bilinha, elas prosseguiram com as profissões de suas mães. Isso comprova que a pouca mobilidade social persistia entre as famílias pobres picoenses, na medida em que a falta de oportunidades de empregos gerava as dificuldades que perpassam de uma geração para outra.

## **2.2 A dinâmica desses espaços de trabalho, suas dificuldades e as lembranças de saudade.**

Nesse tópico será analisado o dia-a-dia das entrevistadas em seus respectivos trabalhos, as dificuldades que tinham de superar para permanecerem em seus empregos, como também as lembranças de saudade.

Conceição de Moura Santos, nascida em 1955, no interior de Santana do PI, que na época fazia parte do município de Picos. Em 1973, aos 18 anos de idade,

---

<sup>8</sup> SOUSA, Helena de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 11 de dezembro de 2012.

ainda fazendo o ginásio, Dona Conceição morava com os pais e era solteira. Ela tentava superar as dificuldades da época e foi à procura de trabalho nas lojas que se localizavam no centro da cidade de Picos.

A loja que ela conseguiu uma vaga de emprego foi a loja Pernambucanas, porém, antes de ser contratada teve que passar por um teste de matemática, que envolvia as quatro operações de conta: adição, subtração, multiplicação e divisão. Passando no teste, iniciou o trabalho na função de balconista. Seu horário de entrar na loja era às 7:00 horas e saída 5:30 da tarde.

Ela explica que sua função era atender as pessoas que chegavam à loja interessadas em comprar eletrodomésticos, bicicletas, tecidos ou máquinas de costura. A comissão recebida pelos eletrodomésticos era menor do que a comissão da venda de tecidos. Dona Conceição explica o dia-a-dia da loja Pernambucanas, que circulava muitas pessoas:

Era muito movimentado. Tinha o pessoal no final de semana que vinha de outras regiões, da microrregião de Picos. O nosso trabalho era balconista e quando aparecia pessoa pra comprar eletrodoméstico era bicicleta e máquina de costura. Vendia a atacado e a varejo. As Pernambucanas era o comércio central, localizada na Av. Getúlio Vargas, o movimento era grande e era a loja que vendia mais.<sup>9</sup>

Essa lembrança de Dona Conceição<sup>10</sup> reafirma que o comércio picoense merecia destaque por atender muitas pessoas, que vinham até de outras regiões para comprar ou vender seus produtos na cidade de Picos.

Dona Conceição relata que não sofreu nenhum abuso ou assédio por parte de funcionários do sexo masculino, porém, na profissão de balconista ela passou por algumas dificuldades:

A dificuldade era a competição, porque cada um queria vender mais. Os homens era pior. Os homens queriam prevalecer sobre as mulheres, principalmente tinha aqueles balconistas, empregados antigos que era Seu Pereira, era Seu Alberto que já faleceu, era Seu Evêncio. Eles tinha aqueles clientes antigos que vinha do interior. Então muitos deles eram conhecidos meus. Quando eles chegavam

---

<sup>9</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 18 de dezembro de 2012.

<sup>10</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 18 de dezembro de 2012.

iam dar preferência pra mim. Aí, eu sentia que eles ficavam muito insatisfeitos; porque eles vendiam mais naquela loja.<sup>11</sup>

No caso de Dona Conceição vemos que o sentimento de superioridade que os homens possuíam pelas mulheres, faziam com que os mesmos não admitissem que as mulheres vendessem mais que eles, tornando a competição o sentimento que predominava na loja.

Os estudos eram prioridade para os pais de Dona Conceição e seu trabalho na loja Pernambucanas, atrapalhou tanto que suas notas caíram. Por essa razão ela teve que desistir do emprego:

Apesar de ser pouco período, poucos meses, foi bom! Na Loja Pernambucanas trabalhei de 4 a 6 meses, somente. Não fui mais trabalhar. Porque atrapalhou muito o meu estudo. Comecei a tirar nota ruim em química, física. Porque não tinha hora, quando era à noite eu tinha que ir estudar. Eu fiz primeiro o científico, quando eu ia assistir aula no científico, aí lá tinha as disciplinas tudim difícil matemática, física e química, atrapalhou essas disciplinas mesmo. Eu deixei de trabalhar por esse motivo. Aí meu pai disse que eu tinha que deixar o emprego pra não ficar reprovada. Eu pedi as contas.<sup>12</sup>

A desistência do emprego em favor dos estudos foi uma escolha acertada, segundo Dona Conceição. Em 1976, aos 22 anos de idade, ela se formou em professora pelo Pedagógico, um curso que lhe dava habilidades para lecionar da 1º à 4º série do Ensino Fundamental I. Pouco tempo depois ela passou em dois concursos um do Estado e o outro do Município, como professora efetiva. Casou-se e teve dois filhos, um casal. Já aposentada do Estado, ela ainda trabalha no município lecionando e continua seus estudos, fazendo Licenciatura em Inglês pelo PARFOR, na UFPI do campus de Picos.

Teresinha de Jesus Lima<sup>13</sup> nasceu em 1972 e estudou até a 5º série. Trabalhava na roça e em 1986 entrou na Indústria Coelho. A Indústria abriu muitas portas para pessoas que nunca haviam trabalhado antes, inclusive para as mulheres, pois recebiam um salário fixo e conviviam com outras pessoas. Dona Teresinha explica como era o dia-à-dia na fábrica:

---

<sup>11</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 18 de dezembro de 2012.

<sup>12</sup> SANTOS, Conceição Maria de. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 18 de dezembro de 2012.

<sup>13</sup> LIMA, Teresinha de Jesus. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 12 de fevereiro de 2013.

Eu entrava de 5:00 da manhã e saía 13:30 da tarde, era horário corrido. Trabalhava cinco dias e folgava um, em forma de revezamento. Eu operava uma máquina que fazia as bobinas de linha, vinha da fiação. As espulas com a linha coloca na máquina, e ela vai passando pra bobina. Você vai alimentando a máquina, e quando a máquina ienche, acende uma luz. A bobina tava boa. Aí tira a bobina e bota outro cone pra encher novamente, 50 cones tinha em cada máquina. Aí a gente arriava três vezes cada, num horário. Era o quê, 150 bobinas de 2 quilos, 2 quilos e meio cada uma!<sup>14</sup>

Segundo E. P. Thompson: “ Exatamente nas fábricas têxteis e oficinas em que se impunha rigorosamente a nova disciplina de tempo que a disputa de tempo se tornava mais intensa.<sup>15</sup> A disciplina de horários, onde o tempo está previamente dividido em atividades repetitivas, faz com que os profissionais façam o seu serviço cada vez melhor, e num tempo cada vez menor, gerando mais lucros para a empresa. Dona Teresinha relembra que o seu trabalho era muito mecânico e repetitivo, porém necessitava de muita atenção e cuidado para não desandar a produção.

O espaço da fábrica enquanto ambiente de socialização e de troca de ideias, de experiências e de histórias de vida, despertava afetos por parte dos funcionários, um ambiente de carinho e familiar, como Dona Teresinha relata:

Era bom demais. Alí era todo mundo igual a irmão da gente! Eu achei muito foi bom, hoje se pudesse eu taria ainda lá! Se tivesse funcionando ainda, aliás foi a empresa que eu gostei mas de trabalhar!<sup>16</sup>

O trabalho extradoméstico, além do retorno financeiro, garantia um sentimento de satisfação nas entrevistadas, tanto que Dona Teresinha, sentia que o seu local de trabalho e seus companheiros era como se fossem sua família!

Quando a Indústria Coelho S/A entrou em decadência da década de 1990, por desavenças familiares e desequilíbrio econômico de Grupo Coelho, muitos funcionários foram demitidos, entre eles Dona Teresinha que ainda conseguiu receber todos os seus direitos trabalhistas, já que muitos dos ex-funcionários estão

---

<sup>14</sup> LIMA, Teresinha de Jesus. Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva. Picos, 12 de fevereiro de 2013.

<sup>15</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

<sup>16</sup> LIMA, Teresinha de Jesus. Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva. Picos, 12 de fevereiro de 2013.

na justiça para receberem seus direitos. Atualmente, Dona Teresinha trabalha com a costura em um atelier que ela mantém na própria casa.

Adeíldes Barbosa da Silva<sup>17</sup> nasceu em 1957, e desde os cinco anos de idade ia deixar comida para a mãe, que trabalhava nas Emergências. Atualmente, ela é casada, mãe de três filhos e trabalha em seu primeiro emprego de carteira assinada, ela é servidora da UFPI.

As Emergências eram construções de casas, açudes e barragens. Dona Adeíldes também se inseriu nessa profissão, no ano de 1988, por causa da necessidade, pois emprego era muito difícil. Ela explica o dia-a-dia nas Emergências:

Nas Emergências a gente trabalhava era dois turnos. Nós entrava 7:00 da manhã e saía 11:00 horas e voltava de 1:00 hora e saia de 5:00 horas. Era trabalho pesado, era pesado! Os homens iam cavando, né, o barro e nós ia pegando, não era nem carrinho, nós chamava era pau de paviola, num sabe, que é um pau que a gente junta dois paus e bota um pau em cima e bota um tipo de papel um papelão. Aí bota areia em cima, aí duas pessoas pega uma do lado e a outra do outro, sabe. Na época que eu trabalhei nem carrim era, carrim de mão não! Era paviola mesmo! Os homens cavavam e as mulheres cavavam pra fora, entendeu. Eles iam cavando e nós que era muié ia levando, que era maneiro! Era pesado mas ainda era o maneiro pra nós! Tinha vez que nós levava panela pra lá num sabe. Inclusive, nós juntava todo mundo e o líder tirava uma pessoa pra fazer comida entendeu. Aí todo mundo levava, às vezes levava café. Nós levava a merenda, café era lá, debaixo do pé de Juá. Mãe mesmo, mãe quando ia levava massa de trigo pra fazer um bolão de massa de trigo. Eu era pequena, chorava pra ir pra comer esse bolo (risos), pra comer desse bolo. Até que fim chegou o dia pra ir pra Emergência e fazer esse bolo. Sim e tem mais, nós bebia era água quente, nó bebia água quente! Nós levava água numa cabacinha só que a cabaça é quente, quente, quente!<sup>18</sup>

O dia a dia nas Emergências não era fácil e mesmo assim Dona Adeíldes brigava para conseguir uma vaga pra ela. Mediante as condições da época e a falta de algo melhor eram essas as rotinas de trabalho de algumas trabalhadoras pobres picoenses nas décadas de 1970 e 1980.

---

<sup>17</sup> SILVA, Adeíldes Barbosa da. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 06 de março de 2013.

<sup>18</sup> SILVA, Adeíldes Barbosa da. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 06 de março de 2013.

De acordo com as lembranças de Dona Adeíldes, nas Emergências tinha mulher casada e solteira, mas a preferência era para as casadas, pois a maioria já tinha filhos para dar de comer. Ela relata as dificuldades:

Eu era pequinininha, sabe! Mas mãe varria o terreiro de um pra arrumar um pouquinho, sabe, lavava um gibote de alguém. Naquele tempo não tinha negócio de dar não, né! Lá em casa, na casa de mãe, nem prato não tinha, comia mesmo era com a mão. E minha filha já passei coisa! Já moremos em casa de palha de carnaúba, já moremos até debaixo do pé de Juá. Mãe só veio possuir uma casa própria depois que ela se aposentou! Aí veio as Emergências e ela começou a trabalhar, melhorando um pouquinho. Quando ela trabalhou ela trabalhou ainda era fazendo barreiro. Naquele tempo lá, não era nem barragem era barreiro. Desde pequininha, quando pai deixou mãe, né, eu me lembro que quando acordava, acho que nessa época não tinha nem cinco anos, eu acordava cedim, eu levantava, na porta eu via mãe lá na casa de uma vizinha, sabe, varrendo um terreiro ou com a lata d'água na cabeça pra encher os potes de alguém, sabe! Quando nós acordava de manhazinha, ela já ia chegando em casa com uma cuia cheia de goma pra fazer merenda pra nós, ela já vinha de manhazinha com a merenda pra nós! Minha fia, naquela época já alcancei muito sofrimento. Mas melhorou, depois de 1970 pra cá melhorou muito! Eu falo sorrindo mas era triste naquele tempo ali. Só sabe quem já passou. Hoje, Ave Maria, to céu, ganhando um salário, sabe. Sim e tem mais, nós bebia água quente. Nós levava água numa cabacinha, só que a água é quente, quente, quente. E hoje tem água gelada. Por isso que eu não me maldigo de nada, nada, nada. O que eu já passei na minha vida! Hoje, hoje eu sou é rica. Porque tenho é tudo na minha vida. Tenho água gelada pra beber. Tenho ventilador! Tenho televisão! Tenho tudo! Hoje não sofro mais as dificuldades. Essa época era uma época sofredora, mas era uma época que a gente tinha mais sossego. Hoje eu não sofro as dificuldades daquela época, mas sofro com as modernidades desse tempo!<sup>19</sup>

Dona Adeíldes relembra que seu pai abandonou sua mãe quando ela era muito nova, e diante das dificuldades de sustentar casa os filhos ela fazia de tudo para que não faltasse nada em casa. Dona Adeíldes cresceu vendo sua mãe trabalhar dando seu melhor e as dificuldades enfrentadas nas Emergências foram inúmeras, como o trabalho pesado, beber água quente, entre outras coisas. Mesmo com tanta dificuldade enfrentada, Dona Adeíldes se emocionou ao lembrar do quão era bom trabalhar nas Emergências:

---

<sup>19</sup> SILVA, Adeíldes Barbosa da. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 06 de março de 2013.

Eu tenho saudades. A folia era bom demais! Mulher, lá se media até as partes, fulano tem esse tamanho. E botava papelão, na hora da mei dia, debaixo do pé de Juá. Muié era bom demais, era bom demais. Ave Maria, eu nunca vou esquecer. Saudade da folia. Juntava e uma contava piada e tudo. Homens e mulheres tudo junto! Era divertido demais, eu gostava demais, sempre gostei. É tanto que eu não deixei nenhuma de trabalhar. Eu brigava e ia mesmo, eu sempre fui sempre. Não tinha negócio de vereador, prefeito.<sup>20</sup>

Helena de Araújo Sousa<sup>21</sup>, mais conhecida como Dona Bilinha, nasceu em 1927, aos 14 anos de idade iniciou a profissão de costureira, e casou-se com 22 anos de idade com o Sr. Nesim, tendo quatro filhos. Dona Bilinha costurava muito. Quando tinha uma noiva na região, ela ficava responsável por fazer o vestido e arrumar a noiva. Depois de muitos anos costurando em casa, ela e o filho passaram a trabalhar numa banca na feira:

Aí quando surgiu a banca foi assim... Eu costurava muito e puxa muito por a cabeça costurar, porque eu gosto das minhas coisas bem feitas! Às vezes, a pessoa que ia receber a costura dizia tá bom. Aí eu ficava caçando defeito se pudesse ajeitar, nunca ninguém saiu com raiva sobre uma costura minha. Aí o menino meu, ele morava em Teresina, ele era muito esforçado, né?! Aí ele disse: - Mãe eu vou botar uma banca de mercadoria. Ele botou uma banca de mercadoria, sócio com Cici ali da Bomba. Ele era rapaizim novo. Depois ele botou a banca, só que ficaram pouco tempo. Aí se separou, ele ficando com a dele e o outro com a outra. Aí ele me ajudava também quando eu costurava, ficava me ajudando, fazia casa em roupa, pregava botão, me ajudava, porque era muita costura, eu fazia roupa de homem e de mulher e tudo. Até palito de homem eu ainda fiz. Aí quando ele disse: Mãe, quando tiver um tempim faz uns vestidim pra eu botar lá na minha banca (risos). Muié rapaz não dá tempo não! Mãe, mais tira uma horinha! Eu costurava, eu fazia três vestidos todo dia, todo dia, todo dia eu fazia três vestidos. Em máquina de mão era muita coisa, não é?! E ele disse: - Aí faz um vestidim pra eu botar na minha banca pra ver se vende. Ainda hoje ele é esforçado, é Dedé, Dedé. Toda semana fazia três, quatro vestidim e levava pra botar lá na banca. Minha filha! Botou lá pra enfeitar e aí levou, na hora que chegava lá vendia! Toda semana ele queria que fizesse vestido pra levar pra vender, vestido de criança também. Aí ele: - Mãe, sabe de uma coisa, deixa essa costuração pra gente assim. Que ali tinha que medir tudo, tudo que fazia! Fazia era tudo medido e era com coisa, se tivesse folgado, algum defeitim a gente tinha que ajeitar tudo, e pra confeccionar pra feira, o tamanho que sair tá bom, da largura que sair tá bom, do

<sup>20</sup> SILVA, Adeídes Barbosa da. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 06 de março de 2013.

<sup>21</sup> SOUSA, Helena de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 11 de dezembro de 2012.

cumprimento também tá bom. Mãe, deixa que mãe vai costurar é pra nois! Costura pra nois!<sup>22</sup>

Para Dona Bilinha a mudança de costurar somente em casa para costurar para a banca na feira foi muito proveitosa, como ela mesmo explicou, a costura em casa tinha que sair perfeita, no tamanho da pessoa. A costura para a banca não era assim, dava menos trabalho e ela fazia do tamanho padrão. Vale ressaltar que o ganho financeiro também melhorou. Quando Dona Bilinha parou de costurar pra fora, muitos de seus fregueses não queriam aceitar:

Pra eu deixar, foi serviço! Freguês não queria! Mas aí eu deixei a costura em casa pra levar pra feira. Costurava, eu tinha duas costureiras que costuravam pra mim. Eu cortava a costura e elas faziam a costura e eu também costurava. E aí comprava algumas coisas feitas também.<sup>23</sup>

A não aceitação de seus fregueses nos dá a entender que Dona Bilinha costurava muito bem e que sabia agradar seus fregueses. Mesmo assim ela decidiu que iria costurar para a banca na feira. Quando o filho de Dona Bilinha foi estudar em Teresina, ela ficou sozinha na banca:

Fiquei indo pra feira, pra feira só aqui em Picos. Meu menino, ele era quem ia fazer a feira lá em Santana, em São José do Piauí. Eu confeccionava, comprava a mercadoria e ele também ia fazer compra no Juazeiro. Depois, ele foi estudar em Teresina, aí eu fiquei só na banca. Botei só um menino, Raimundo de Cumade Maria, né?!. Me ajudava! Aí eu ia fazer a feira. Eu comprava peças de tecido, peças de quilo, eu levava pra feira, eu comprava peças de tecido, eu levava peça de tecido pra feira. Eu vendia peças de tecido porque não tinha nenhuma loja!<sup>24</sup>

Mesmo com a saída do seu filho, Dona Bilinha não desanimou, ela enfrentou a compra das mercadorias, dos tecidos e das temidas viagens de carro, que ela não gostava. Dona Bilinha descreve seu dia-a-dia na costura:

---

<sup>22</sup> SOUSA, Helena de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 11 de dezembro de 2012.

<sup>23</sup> SOUSA, Helena de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 11 de dezembro de 2012.

<sup>24</sup> SOUSA, Helena de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 11 de dezembro de 2012.

Eu tinha três máquinas, mas agora só tenho uma, ainda hoje ela é boa! Naquela época era coisa grosseira. Eu só ia no sábado pra feira de Picos e no domingo eu ia pra São José. A semana eu passava a semana confeccionando. Aí eu levava as roupas feitas e levava os tecidos também pra vender. Levava também enfeites, comprava bicos de bordado, todos os tipos de enfeites. Comprava também muitas coisas feitas, né?! Muitas coisas feitas porque nesse tempo aí, eu não tinha nota fiscal. Aí tinha a fiscalização, quem não tivesse a nota fiscal era mais complicado. E você fazia as coisas assim quase escondido, nera?! Mais aí eu fui fazer minha vida...<sup>25</sup>

No momento que Dona Bilinha menciona a fiscalização, ela nos revela que para poder vender as roupas que ela produzia, tinha que comprar algumas feitas para poder apresentar as notas fiscais, assim as roupas produzidas por ela passavam despercebidas no meio daquelas que ela comprava. De acordo com Dona Bilinha, ela passou por muitas dificuldades:

Eu encontrei muitas dificuldades. Era muita dificuldade! A gente pegava ônibus véi pra ir pra feira aqui de Picos. Quando eu ia pra São José era de besta, era de carro. E a ladeira, um caminho ruim e eu sou nervosa demais. Às vezes eu dizia: pára, pára que eu vou descer, aí eu descia, as outras não tinham medo nem desciam! O transporte era a maior dificuldade, até pra levar as confecções pra longe. A gente não tinha o transporte, nem podia levar as roupas, os tecidos também, eu não podia levar uma peça de cada pano. E o medo também que eu tinha de andar de carro, eu ainda hoje tenho medo. Não andei com medo de andar de carro! E teve uma vez, só dessa vez, que uma cigana parou em minha banca e queria que desse as coisas a ela, e eu não dei! Aí ela me excomungou de todo nome, disse todo nome comigo, que eu ía era pro inferno que nunca mais ia vender nada nessa banca! Eu não acredito nessas coisas!<sup>26</sup>

O nervosismo e o medo de andar de carro prejudicaram Dona Bilinha, tanto que a falta de um transporte próprio a impedia de levar para a feira cada exemplar de tecido que comprava. Como Dona Bilinha trabalhava informalmente, sua aposentadoria só chegou quando ela completou a idade. Aposentada, filhos criados, ela cuida do seu esposo que está em uma idade bastante avançada.

Maria de Araújo Pereira<sup>27</sup> nasceu em 11 de 08 de 1937, no Bairro Ipueiras. Começou a trabalhar menina, ajudava o pai a cortar arroz. Casou com 18 anos de

<sup>25</sup> SOUSA, Helena de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 11 de dezembro de 2012.

<sup>26</sup> SOUSA, Helena de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 11 de dezembro de 2012.

<sup>27</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 08 de janeiro de 2013.

idade com o Sr. José e foi morar no Bairro Umari. Seu esposo José trabalhava no 3º BEC e às vezes se ausentava por até 45 dias de casa. Para melhorar o sustento de seus 11 filhos, Dona Maria decide pedir ao seu esposo para ir trabalhar na feira vendendo comida.

Apesar dele não ter autorizado, Dona Maria insistiu e foi trabalhar numa barraca, situada no centro do Mercado Municipal de Picos. Ela relata que o trabalho era fazendo e vendendo comida, o que ganhava no final da feira, ela fazia uma feirinha para trazer para os filhos. Dona Maria relembra o corre-corre da feira e descreve seu dia-a-dia:

Fazia comida lá mesmo. Muié eu tinha muito freguês, eu não tinha sossego nem de comer uma colherada de comida. Só trabalhando! Só trabalhando! Meu marido dizia: -Você vai morrer, você vai morrer de trabalhar! Eu passava a noite na feira. Passava o dia de sexta todim e a noite e o dia de sábado. Muié era gente demais, os mangaieiros vinha comprar arroz, feijão, goma, cebola, alho pra levar pra feira de fora. E aí o ponto era lá. Olha até a água pra eu cozinhar, era pegada lá dentro do mercado. Eu levava dois, três minino meu. Muié, na sexta de manhã eu comprava cinco quilos de carne de porco, cinco quilos de costela e arroxava no fogo. Quando era tarde cedo eu comprava uma galinha grande. Aí tinha uma veinha que gostava de me ajudar a lavar a louça e eu pedia a ela pra matar a galinha. Aí eu comprava sete oito quilos de panelada, cortava, temperava, cozinhava. Aí quando era mais tarde chegava um rapaz que vendia lá no açougue, só era encomendado um fígado de porco dos novos, ele vinha deixar. Oh minha filha mais eu trabalhava! Era muita comida! Oh, tinha dia que eu fazia três quilos de arroz de manhã, na sexta de noite eu fazia outros três. Às vezes, de tarde eu fazia mais! Cozinhava tudo no carvão, minha filha, era quatro fogareiro que eu tinha pra cozinhar carne de porco, carne de gado, feijão, arroz, cuzcuz, tinha vez que eu fazia três cuzcuzeiro de cuzcuz! Aí quando tava acabando de ajeitar as coisas, eu lavava tudo, deixava tudo no caichãozão grande, arrumadim! Aí tinha um velho que guardava minhas coisas e botava na quinta de noite na feira. Lavava os potes, enchia e cobria com um pano e amarrava. Quando eu chegasse lá na sexta, já tava cheio o pote. Aí minha filha, era desse jeito! Na semana era na roça, plantando arroz aqui nessa lagoa, mudando, cortando por o cacho. Nesse tempo não se cortava pelo pé era pelo cacho! Teve um ano que nós tiramos cento e tanto quartos de arroz. Oh minha filha, ia botar pra secar no sol e guardar...<sup>28</sup>

Dona Maria só ia para a banca de comida na sexta e no sábado e na semana o trabalho era na roça plantando arroz. Como ela descreve era muito corrido, pois

---

<sup>28</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 08 de janeiro de 2013.

ela tinha muitos fregueses, e ela também fazia muita comida para atender a demanda, produzido pelo fluxo de pessoas que trabalhavam no comércio na área central de Picos.

Seu esposo José faleceu no dia 18 de março de 1983, deixando-a com 11 filhos, sendo que os mais pequenos tinham três e cinco anos de idade. Ela explica que se apegou tanto aos seus filhos, que até abandonou o quarto em que o casal dormia, para dormir no quarto com os filhos. Dona Maria tinha de superar as dificuldades que apareciam. Diante das dificuldades, Dona Maria relembra:

As dificuldades era sair de pé daqui pro mercado, sem iluminação nas estradas. E uma vez chegou um cliente que disse uma coisa comigo! Muié eu to esquecida do que foi! Não sei se ele mandou eu sentar no colo dele. Não sei coma foi não! Eu não lembro mais! Ah minha filha, aí eu virei um bicho, eu virei um bicho lá meio da feira. E Ricardo, eu não sei se você sabe quem é Ricardo, que vendia lá no portão do mercado. Não sei se ainda vende. Ricardo de Maria de Joanita. Pois Ricardo chamou a polícia e quando chegou a polícia, eu fiquei tão nervosa, tão atarentada que eu fiz foi defender “o bicho”. Quando Ricardo chamou a polícia eu disse: - Ricardo eu tenho medo deles ficarem me marcando, que eu já era viúva nesse tempo. Eu tenho medo, meu filho, deles ficarem me marcando. E ele:- Cunversa Dona Maria, tem perigo nenhum aqui! Nós tamo aqui dentro, não tem perigo nenhum!<sup>29</sup>

A falta de transporte e de iluminação das estradas foram destacadas por Dona Maria como dificuldades sofridas para ir trabalhar na feira. Como também, o fato que ela mencionou quando ficou viúva. A mulher viúva era vista como uma mulher frágil, sozinha, sem ter ninguém que fale por ela. Por isso alguns homens se aproveitavam desse momento, faltavam-lhe com o respeito para assediá-las, mas as amizades que Dona Maria conquistou foram suficientes para protegê-la.

A feira, como um espaço de socialização, foi um local que propiciou à Dona Maria muitas amizades, onde muitas pessoas a ajudavam, em especial, ela se recorda de um rapaz chamado João:

O trabalho era muito, mas eu achava era bom! Gostava, sofria muito, mais eu achava era bom! Conversava com uma pessoa diferente, com outra. Muié, eu peguei amizade com gente de todo bicoque. Quando dava fé, chegavam com goma pra mim, outro com abóbora, outro com melancia. Muié mais era freguês! Ah minha filha, tinha um

---

<sup>29</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 08 de janeiro de 2013.

rapaz que eu pegava as coisas pra banca lá na feira dentro do mercado. Ele era aqui da lagoa cumprida. Nós chamava ele de burrego, mas o nome dele era João. Aí quando eu ia acertar as coisas que eu pegava pra feira, o que sobrava do ganho da feira, eu ia fazer a feirinha pra trazer pra casa. Ele dia:- Maria, Maria leva o que dé pra semana, Maria não deixa aquelas crianças passar fome não. Eu tenho muita dó de você e daqueles meninos, pense! E assim eu fiz minha vida, minha filha. Comprava um bocado a dinheiro, outro fiado. E desse jeito eu fiz minha vida, minha filha. E era onze filhos. Minha família é grande, eu tenho 27 netos, 15 bisnetos é mole! Ave Maria!<sup>30</sup>

Dona Maria enfatiza a sua conquista, pois seu trabalho sustentou sua grande família. É esse tipo de memória que foi acionada quando foram perguntadas às entrevistadas suas dinâmicas de trabalho. A repetição diária de suas profissões, não as deixaram esquecer sua rotina, seus momentos de alegria e de dificuldade. Segundo Ecléa Bosi:

O corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas, trata-se da memória hábito, a memória dos mecanismos motores. Esse tipo de memória faz parte de nosso adestramento cultural.<sup>31</sup>

Essas são memórias individuais, e por serem assim, são pessoais e intransferíveis. Cada uma dessas mulheres, em seu ambiente de trabalho, passou por alguma situação que a marcou. Isso mostra que a memória é seletiva, nem tudo fica gravado e nem tudo fica registrado. Quando essa memória, referente às dificuldades enfrentadas, foi evocada, muitas nem se lembravam, mas um tempo depois, elas foram se recordando. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização da memória.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> PEREIRA, Maria de Araújo. *Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva*. Picos, 08 de janeiro de 2013.

<sup>31</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>32</sup> POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*; tradução de Monique Augras. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 05, n. 10, 1992, p. 200-212.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo esse processo de levantamento de dados, seleções de material adequado para a materialização desse texto monográfico chegaram ao término desta pesquisa, e assim nos propusemos a apresentar uma síntese de todo o trabalho, bem como a importância de tal estudo para a historicidade. Esse trabalho tem como proposta romper com o discurso de fragilidade feminina, pois apresenta aos leitores experiências de trabalhadoras pobres picoenses que sustentavam a casa ou complementavam o orçamento doméstico.

O presente trabalho apresentou um estudo sobre a inserção das trabalhadoras pobres picoenses no mercado de trabalho, tendo como objetivo analisar a trajetória de vida das entrevistadas, bem como sua entrada no mercado de trabalho, suas dificuldades, seu modo de relacionarem casa, marido, filhos e trabalho.

Nossa fonte principal de pesquisa foram as memórias dessas trabalhadoras pobres picoenses nas décadas de 1970 e 1980. A busca pelo trabalho fora de casa era justificada pela necessidade de sobrevivência, pela melhoria da cesta básica de consumo. O trabalho feminino das nossas entrevistadas era apoiado pelos filhos e esposos, que se dividiam em algumas tarefas domésticas. O trabalho extradoméstico não era visto como uma emancipação feminina ou como uma conquista, ele ganhava o significado de sobrevivência família.

O Piauí teve sua história marcada por uma sociedade rural, com baixo nível intelectual, que facilitava o controle sociopolítico. A pobreza, agravada pela falta de investimentos na região, foi um fator preponderante que incentivava muitas mulheres a procurarem trabalho extradoméstico para complementar a renda do esposo ou para prover o sustento da casa e dos filhos.

Mesmo para melhorar a condição de vida da família, a saída da mulher do ambiente privado para o público, não era visto com bons olhos por alguns membros da sociedade. Médicos e higienistas, como também livres pensadores, criticavam esse novo comportamento da mulher e ainda afirmavam que sua saída do lar desestruturaria a família, o cuidado com o esposo e a educação dos filhos.

O modelo de mãe, esposa e dona-de-casa permeavam a sociedade como o modelo tradicional que a mulher deveria seguir a risca. Aquelas que se distanciavam

desse comportamento seriam chamadas de levianas, de mulher pública e ainda teriam que conviver com a culpa de deixarem seus filhos.

Esses pensamentos também ocupavam a cabeça da sociedade picoense, porém contrastava com a realidade difícil da região. Assim sendo, muitas mulheres pobres para melhorarem sua cesta de consumo, viam no trabalho fora de casa, uma oportunidade de sobrevivência. Portanto, o trabalho não era visto como uma conquista feminina e sim como uma forma de sobrevivência.

Inscrever historicamente a memória dessas mulheres pela sua condição social e gênero é o que nos motiva a investigar mais e mais sobre o tema, a fim de mostrar aos que ainda acreditam que a mulher é um ser inferior ao homem, que isso ficou no passado, pois cada dia mais, a mulher executa as mesmas tarefas que eles, por mais árduo e pesado que possa ser.

Esperamos que este não seja um final para a pesquisa, mas apenas o início de uma caminhada rumo à construção da nossa história, e que muitas outras pesquisas possam surgir dentro deste campo de atuação. Para que assim a trajetória dessas mulheres pobres picoenses seja visto como um estímulo aos novos pesquisadores abordarem essa temática, levantando mais informações que possam construir um perfil da sociedade picoense.

## FONTES E REFERÊNCIAS

### a) Entrevistas

LIMA, Teresinha de Jesus. **Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva**. Picos, 12 de fevereiro de 2013.

PEREIRA, Maria de Araújo. **Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva**. Picos, 08 de janeiro de 2013.

SANTOS, Conceição Maria de. **Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva**. Picos, 18 de dezembro de 2012.

SILVA, Adeídes Barbosa da. **Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva**. Picos, 06 de março de 2013.

SOUSA, Helena de Araújo. **Entrevista concedida à Ana Paula Gonçalves da Silva**. Picos, 11 de dezembro de 2012.

### b) Livros

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. **Picos nas Anotações de Ozildo Albano**. Picos, 2011.

ALVES, Marli Costa. **História e Memória da Indústria Coelho S/A: trabalho e cotidiano dos operários de Picos( 1970 a 1999)** 89f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012

ARENT, Hannah: **A condição humana**. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. **Múltiplas e Singulares**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARVALHO, Elieny Veloso de Carvalho. **Importância da feira livre de Picos para a construção de identidades históricas a partir da década de 1950**. 62 f. Monografia. Universidade Feral do Piauí: Picos, 2013.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral- memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Renato. **Picos: os Verdes Anos Cinquenta**. 2. ed. Recife: Editora Nordeste. 1995.

FOCO: revista semanal de cultura, política, arte. Picos: nº3, 2000.

GOMES, Cândido Alberto. **O jovem e o desafio do trabalho**. São Paulo: EPU, 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1939.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. UNICAMP. 5ed. 2003.

MARTINS, Agenor de Sousa, et al (Org). **Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento**. 2 ed. Teresina: Fundação Cepro, 2002.

MOLLAT, Michel. **Os pobres na Idade Média**. São Paulo. 1989.

NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa, et al (Org). **Experiências de Pesquisa no Piauí**. Sieart. Vol.1 Parnaíba-PI, 2005.

PERROT Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**; tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**; tradução de Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: v. 02, n. 3, 1989.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**; tradução de Monique Augras. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: v. 05, n. 10, 1992.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTANA, R. N. Monteiro de. **Piauí: Formação-Desenvolvimento-Perspectiva**. Teresina, Halley, 1995.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife.

SOARES, Vera. O feminismo e o machismo na percepção das mulheres brasileiras. IN: VENTUFI, Gustavo. RECAMÁN, Marisol. OLIVEIRA, Suely. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. 1°. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## APÊNDICE

**APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA****NOME:****IDADE:****DATA DE NASCIMENTO:****FILIAÇÃO:****PROFISSÃO:****ESTADO CIVIL:****INSTRUÇÃO:**

- 1) De que maneira ocorreu sua inserção nessa profissão? Quando?
- 2) Quais as dificuldades encontradas?
- 3) Alguma vez já pensou em desistir?
- 4) Como a sociedade picoense via as mulheres que trabalhavam fora de casa?
- 5) Você já sofreu algum preconceito ou discriminação por atuar nessa profissão?
- 6) Existiam outras opções de trabalho para as mulheres? Quais eram as outras opções de trabalho na época de 1970 e 1980?
- 7) As mulheres que trabalhavam tinham alguma noção de emancipação?

## APÊNDICE B – INFORMAÇÕES DOS ENTREVISTADOS



**Helena de Araújo Sousa**

Apelido Dona Bilinha. Filha de Ariolino Felipe de Araújo e Laurentina Maria de Jesus. Nasceu em 1927 no bairro Ipueiras e quando casou aos 22 anos de idade com o Sr. Nesim, passou a residir no bairro Umari. Aos 14 anos, Dona Bilinha, via a mãe costurando e foi daí que aprendeu a arte da costura.



**Conceição de Moura Santos**

Nasceu em 1955, no interior do município de Santana- PI, que na época fazia parte da microrregião de Picos. Antes de completar o magistério, aos 18 anos de idade, solteira e morando com os pais, ela trabalhou na loja Pernambucanas, uma loja de tecidos, na função de balconista.



**Maria de Araújo Pereira:** Filha de Ariolino Felipe de Araújo e Laurentina Maria de Jesus. Nasceu em 11/08/1937, no bairro Ipueiras. Ao casar-se, passou a residir no bairro Umari. Dona Maria era feirante, possuía uma barraquinha de comida.

### **Teresinha de Jesus Lima**

Filha de Maria de Jesus Leal e José de Francisco Pinheiro. Estudou até a quinta série. Morava no Cristovinho e veio pra cidade de Picos, em 1986, quando começou a trabalhar na Indústria Têxtil, na função de operadora de máquina.



**Adeídes Barbosa da Silva:** Nasceu em 1957, seu nível de escolaridade é Ensino Médio Completo, que ela conta com muito orgulho, pois terminou os estudos depois dos 40 anos de idade. Dona Adeídes via a mãe indo pras Emergências. Até que chegou a sua vez de ir. Ela trabalhou nas construções de açudes e barragens, nas redondezas de Picos.

**ANEXOS**

## ANEXO I: Depósito de gêneros alimentícios



**Fonte:** Arquivo 3° BEC

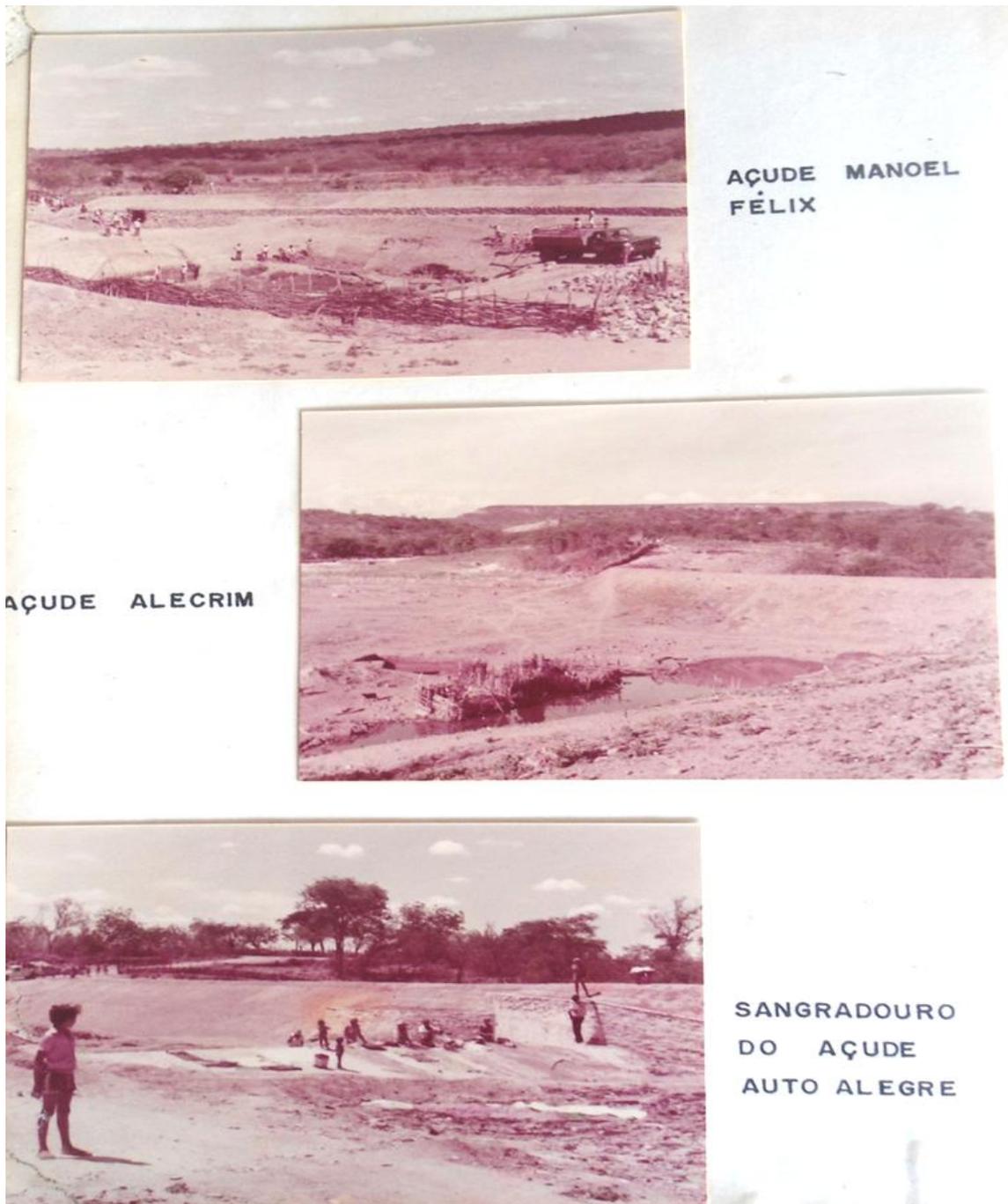
Depósito de gêneros alimentícios que eram usados para pagar os trabalhadores das construções de barragens. Houve uma época que o salário desses trabalhadores eram pagos metade em dinheiro e outra metade com uma cesta básica.

## ANEXO II: Construção de Açudes



Fonte: Arquivo 3º BEC

Nessas imagens podemos imaginar o quão árduo devia ser esse tipo de trabalho, debaixo de sol e chuva. Muitas pessoas e máquinas trabalhando a fim de construir um novo açude para beneficiar a região.

**ANEXO III: Açudes construídos em 1970 e 1980**

Fonte: Arquivo 3° BEC

Esses açudes foram construídos nas décadas de 1970 e 1980. Na fotografia do Açude Auto Alegre, podemos perceber a presença de crianças acompanhadas de suas mães, que às vezes por falta de com quem deixar, levavam seus filhos para as Emergências.

## ANEXO IV: Folha de pagamento do Açude Jardim (1983)

MÊS/DEZEMBRO/83

FL 101  
A

FL 03

FOLHA DE PAGAMENTO DO PESSOAL INSCRITO NO PROGRAMA DE OBRAS PÚBLICAS

Município: BOCAINA - PI. Obra: AÇUDE JARDIM Turma N.º 003

| Registro N.º       | NOME                             | N.º de Dútilas | Valor a Pagar | Rubrica Pagador |
|--------------------|----------------------------------|----------------|---------------|-----------------|
| TRANSPORTE .       |                                  |                | 765.000,00    |                 |
| 051                | FRANCILINO MONTE DE LIMA         | 30             | 15.300,00     |                 |
| 052                | FRANCISCO CIPRIANO DA SILVA      | 30             | 15.300,00     |                 |
| 053                | FRANCISCO PEDRO DA SILVA         | 30             | 15.300,00     |                 |
| 054                | FRANCISCO LOURENÇO DE SOUSA      | 30             | 15.300,00     |                 |
| 055                | FRANCISCO MONTE HERCULANO        | 30             | 15.300,00     |                 |
| 056                | FRANCISCA MARCELINA DA CONCEIÇÃO | 30             | 15.300,00     |                 |
| 057                | ANA ANTONIA DOS ANJOS            | 30             | 15.300,00     |                 |
| 058                | CONRADO CIPRIANO DA SILVA        | 30             | 15.300,00     |                 |
| 059                | ANTONIO JOSÉ DE SOUSA            | 30             | 15.300,00     |                 |
| 060                | ANTONIA VIRGINIA DA PURIFICAÇÃO  | 30             | 15.300,00     |                 |
| 061                | JOSÉ BENTO VELOSO                | 30             | 15.300,00     |                 |
| 062                | JOSÉ FRANCILINO MONTE            | 30             | 15.300,00     |                 |
| 063                | JOSÉ RAIMUNDO DE SOUSA           | 30             | 15.300,00     |                 |
| 064                | JOSÉ EDVALDO B. DE MOURA         | 30             | 15.300,00     |                 |
| 065                | JOSEFA MARIA DE SOUSA            | 30             | 15.300,00     |                 |
| 066                | MANGEL DO NASCIMENTO VELOSO      | 30             | 15.300,00     |                 |
| 067                | MARIA CELESTE LIMA               | 30             | 15.300,00     |                 |
| 068                | MARIA FRANCISCA DE SOUSA         | 30             | 15.300,00     |                 |
| 069                | MARIA DOS ANJOS CIPRIANO         | 30             | 15.300,00     |                 |
| 070                | MARIA ROSITA DE SOUSA            | 30             | 15.300,00     |                 |
| 071                | MARILENE ALVES SOBRINHO          | 30             | 15.300,00     |                 |
| 072                | MARIA DAS GRAÇAS MONTE HERCULANO | 30             | 15.300,00     |                 |
| 073                | MARIANO RODRIGUES NETO           | 30             | 15.300,00     |                 |
| 074                | MIGUEL F. HERCULANO              | 30             | 15.300,00     |                 |
| 075                | MIGUEL FILHO HERCULANO           | 30             | 15.300,00     |                 |
| SOMA A TRANSPORTAR |                                  |                | 15.300,00     |                 |
|                    |                                  |                | 1.147.500,00  |                 |

(...), decorreu o  
indicado apresentando

Fonte: Arquivo 3º BEC

Nessa folha de pagamento, referente à construção do Açude Jardim (1983), podemos ver o nome de muitas mulheres. Dentre 15 homens há 10 mulheres, muito significativo.

## ANEXO V: Barreiro Fafá de Belém

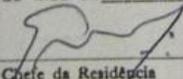
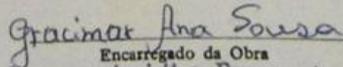
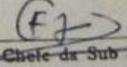
**FOLHA DE PAGAMENTO DO PESSOAL INSCRITO NO PROGRAMA DE OBRAS PÚBLICAS**

Unicípio: FRANCISCO SANTOS - PI      Obra: BARREIRO FAFÁ DE BELÉM      Turma N.º 07

| Registro n.º      | NOME                         | n.º de Diárias | Valor a Pagar     | Rubrica Pagador |
|-------------------|------------------------------|----------------|-------------------|-----------------|
| <i>Transporte</i> |                              |                | 1.010.820,00      |                 |
| 2432              | Lúcia Isaura dos Anjos       | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2433              | Maria Raimunda da Silva      | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2434              | Maria Edmilsa de Barros      | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2435              | Raimunda Selma Lopes         | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2436              | Justina Fernandes dos Santos | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2437              | Antonia Nilsa dos Santos     | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2438              | Maria Rita dos Anjos         | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2439              | Antonia Maria de Jesus       | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2440              | Rosa Dominga de Jesus        | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2441              | Josefa Zélia de Matos        | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2442              | Teresinha de Jesus Rodrigues | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2443              | Maria Joana de Sousa         | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2444              | Teresa Maria da Conceição    | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2445              | Rosa Neta de Sousa           | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2446              | Maria Carmosina da Silva     | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2447              | Antonia Pereira da Silva     | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2448              | Maria Sirlene Ramos          | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2449              | Antonia Rodrigues da Silva   | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2450              | Maria Francisca dos Anjos    | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2451              | Teresa Ana dos Anjos         | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2452              | Maria da Conceição Silva     | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2453              | Antonia Zilma dos Santos     | 11             | 5.610,00          |                 |
| 2455              | Josefa Luiza da Conceição    | 11             | 5.610,00          |                 |
| <b>Total</b>      |                              |                | Cr\$ 1.139.850,00 |                 |

Importa a presente folha de Pagamento de Inscritos no programa de obras públicas em Cr\$ 1.139.850,00 (Um Milhão e Cento e Trinta e Nove Mil e Oitocentos e Cinquenta Cruzeiros).

relativa ao mês de Setembro de 1983

Chefe da Residência      Encarregado da Obra      Chefe da Sub Res.

CONFERIDO      Declaro que assisti o Pagamento      Declaro que efetuei o Pagamento

OBS: Recolher, durante o pagamento, as cedulas de depósito

Fonte: Arquivo 3º BEC

O Barreiro Fafá de Belém merece um destaque especial, por ter sido construído apenas por mulheres!

**ANEXO VI: Declaração de vínculo com o 3º BEC**

  
 MINISTÉRIO DA DEFESA  
 EXÉRCITO BRASILEIRO  
 CMNE - 1º GPT E CNST  
 3º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO  
 BATALHÃO VISCONDE DA PARNAÍBA

SENHOR COMANDANTE DO 3º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO

OBJETO: solicitação de acesso a informação

Sr. Comandante,

1. Eu, \_\_\_\_\_, portador(a)  
 da Carteira de identidade nº \_\_\_\_\_ o(a) qual trabalhou nessa Organização Militar no  
 período de: \_\_\_\_\_ (\_\_\_ dias), na Obra \_\_\_\_\_, no  
 Município de \_\_\_\_\_, < venho solicitar a V. Sª, que se  
 digne mandar passar declaração, cópia xérox, outros referente a esse tempo de serviço prestado,  
 para fins de aposentadoria junto ao INSS.

2º Amparo do requerente: alínea "c" ao Art. 9, Art. 10 e § 1º e 2º do Art. 11 da Lei nº  
 12.527 de 18 de novembro de 2011.

3º É a primeira vez que requer.

Picos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

\_\_\_\_\_  
 REQUERENTE:

DEC - 6.932/2009

Fonte: Arquivo 3º BEC

O 3º BEC é muito procurado pelos trabalhadores dessas construções no momento que vão se aposentar, pois é através do preenchimento desse formulário, que confirma algum vínculo do trabalhador com o órgão.